

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
SOCIAIS**

DISSERTAÇÃO

**“TEM VÍDEO NOVO NO CANAL”:
UMA ANÁLISE DA
PRODUÇÃO DE IMAGENS DE MULHERES
NEGRAS NO
YOUTUBE**

Camila da Rocha Galvão Oliveira

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS SOCIAIS**

**"TEM VÍDEO NOVO NO CANAL": UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE IMAGENS
DE MULHERES NEGRAS NO YOUTUBE**

CAMILA DA ROCHA GALVÃO OLIVEIRA

Sob a orientação da Professora Doutora
Luena Nascimento Nunes Pereira

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais** ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de concentração em Ciências Sociais.

Seropédica, RJ
Agosto, 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica
elaborada com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)

OD172? OLIVEIRA, CAMILA DA ROCHA GALVÃO, 04/07/1990-
"TEM VÍDEO NOVO NO CANAL": UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO
DE IMAGENS DE MULHERES NEGRAS NO YOUTUBE. / CAMILA DA
ROCHA GALVÃO OLIVEIRA. - Rio de Janeiro, 2018.
10 f.

Orientadora: PEREIRA LUENA NASCIMENTO NUNES
PEREIRA.. Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, PPGAS, 2018.

1. YOUTUBE. 2. GÊNERO. 3. MULHERES NEGRAS/RAÇA. 4. ESTÉTICA.
5. IDENTIDADE. I. LUENA NASCIMENTO NUNES
PEREIRA., PEREIRA, 1971-, orient. II Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro. PPGAS III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

CAMILA DA ROCHA GALVÃO OLIVEIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 17 de AGOSTO DE 2018.

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
LUENA NASCIMENTO NUNES PEREIRA
Data: 06/03/2024 17:27:06-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profa. Dra. Luena Nascimento Nunes Pereira (PPGCS/UFRJ)
(Orientadora e Presidente da Banca)



Documento assinado digitalmente
ANA PAULA PEREIRA DA GAMA ALVES RIBEIRO
Data: 29/02/2024 15:03:13-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Profa. Dra. Ana Paula Pereira da Gama Alves Ribeiro
PPGECC/FEBF/Uerj



Documento assinado digitalmente
SÔNIA BEATRIZ DOS SANTOS
Data: 29/02/2024 22:34:42-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Prof. Dra. Profa. Sônia Beatriz dos Santos
PPGECC/FEBF/Uerj

A todas as mulheres negras ancestrais e contemporâneas que viabilizaram a minha presença no espaço acadêmico. Aos meus pais, irmãs, amigos e professores o meu obrigado.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento e Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Chegar até aqui não foi fácil, por isso agradeço primeiramente a Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse. Fazer um curso universitário parecia algo possível, mas cursar uma pós-graduação era daqueles sonhos que ficavam guardados em uma caixa em meus pensamentos. Então, o meu muito obrigado por me trazer até este ponto.

Agradeço aos meus pais, Clarice e Robson, que sempre acreditaram que eu poderia ser o que quisesse. Isso me deu forças para continuar quando o cansaço me impossibilitava. Agradeço também às minhas irmãs Clara e Carina e minha sobrinha Maria Laura, que enxergam em mim tanto potencial, o que me convenceu a continuar. Agradeço por suas palavras de apoio e motivação em todos os momentos.

Em especial, agradeço a minha mãe que de forma indireta se graduou e agora também se torna mestra, pois todo esse trabalho ocorreu com a sua vigilância. Por muitas vezes, discutimos os temas deste trabalho e assim ele ganhava mais sentido e significado para nós. O meu muito obrigado por estudarmos juntas nesses últimos anos.

Quero agradecer aos meus amigos de profissão (professores), que sempre me olhavam com admiração ao saber de meus estudos, em especial Grazielle Vidal. Eles se mostravam felizes em saber que era possível ocupar esse lugar, ou seja, que o campo acadêmico também é nosso espaço. Agradeço também a todos os meus amigos que me acompanharam nesta longa jornada, ouvindo os meus lamentos sobre realizar esta dissertação. Eles compartilharam comigo todos os meus anseios sobre ser uma mestrande e uma profissional da Educação. Infelizmente, neguei nos últimos meses os diversos convites de festas, casamentos e passeios devido aos momentos de dedicação ao estudo, e mesmo assim eles compreenderam e seguimos amigos. Muito obrigado pela parceria.

À professora Luena Pereira, que de forma incansável esteve presente neste processo de orientação. Sei que orientar-me nesses últimos meses foi uma tarefa de super-herói. Diante de minhas dificuldades e tentativas de autossabotagem, ela esteve presente e acreditou na conclusão deste trabalho.

Por fim, agradeço aos professores do PPGCS e à UFRRJ por todo o conhecimento compartilhado nos últimos anos, viabilizando o desenvolvimento do meu senso crítico e possibilitando o convívio com pessoas maravilhosas.

"...me tornou uma pessoa melhor, a consciência do meu cabelo..."

Negra Rosa

RESUMO

OLIVEIRA, Camila da Rocha Galvão. **"Tem vídeo novo no canal": uma análise da produção de imagens de mulheres negras no YouTube**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica – RJ, 2018.

O presente trabalho tem como proposta analisar os discursos elaborados por *youtubers* negras da Baixada Fluminense, por via da estética. Destaco as subjetividades que são construídas dentro do YouTube como uma forma de articular tecnologia, cultura e periferia. *Youtubers* negras estão protagonizando suas trajetórias por meio da linguagem audiovisual, e assim elas compartilham suas vivências com seus pares. A partir das diversas representações elaboradas por meio de tutorial de maquiagem e técnicas capilares, elas iniciam no YouTube um espaço para discussão sobre gênero, raça, sexualidade, religião, autoestima e comportamento, entre outros. A aliança das tecnologias digitais constrói novas formas de expressão, que acabam produzindo novas formas de interação social e de relações de consumo que ultrapassam suas performances estéticas. Os seus locais de origem, as periferias, nos ajudam a compreender quem são essas mulheres e suas perspectivas sobre o processo de identificação racial.

Palavras-chave: YouTube, Gênero, Mulheres Negras, Estética, Identidade, Periferia.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Camila da Rocha Galvão. **“Tem vídeo novo no canal”: uma análise da produção de imagens de mulheres negras no YouTube**. Master's Dissertation in Social Sciences, Federal Rural University of Rio de Janeiro. Seropédica – RJ, 2018.

The present work proposes to analyze the speeches elaborated by black youtubers of the Baixada Fluminense, through aesthetics. I highlight how subjectivities are built within YouTube, as a form of joint technology, culture and periphery. Black Youtubers are leading their trajectories through the audiovisual language, and thus they share their experiences with their peers, from various representations elaborated through the makeup tutorial and capillary techniques, race, sexuality, religion, self-esteem, behavior in general, among others. By the alliance of digital technologies, they build new forms of expression, which end up producing new forms of social interaction, consumer relations that are advanced in their aesthetic performances. Their places of origin, such as peripheries, help us to understand who women are and their perspective on the process of racial identification.

Keywords: YouTube, Genre, Black Women, Aesthetics, Identity, Periphery

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Página de administração do YouTube	19
Figura 2: Logo do Canal da Taya	33
Figura 3: Descrição do perfil de Taya	34
Figura 4: Negra Rosa	49
Figura 5: Batons Negra Rosa	50
Figura 6: Propaganda dos tons de bases Negra Rosa	53
Figura 7: Canal Nathália Braga	55
Figura 8: Automaquiagem com Nathália Braga	60
Figura 9: Descrição do vídeo "Primeira maquiagem da vida", por Nathália Braga ..	61
Figura 10: Nathália Braga: Eu, preta, careca	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 YOUTUBE, ESTÉTICA E SUBJETIVIDADE	17
1.1 YouTube: um local onde as práticas estéticas operam significados e significantes sobre corpos de mulheres negras	17
1.2 Lugar de fala: periferia e identidade	20
1.2.1 Campo físico e virtual: fronteiras do social que delimitam o virtual.....	21
1.3 Identidade, Baixada e estética	25
1.4 O cabelo como descritor de identidade.....	28
2 ETNOGRAFIA DOS CANAIS DO YOUTUBE	32
2.1 Taya – Moda suburbana e feminista	32
2.2 Canal Rosajorosa	41
2.3 Canal Nathália Braga	54
3 DEMOCRACIA RACIAL NA ERA DIGITAL	63
3.1 Análise dos canais.....	63
3.2 Canais e particularidades	68
CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	79

INTRODUÇÃO

O interesse sobre o mundo virtual deve-se muito ao fato de que diariamente estamos conectados por diversas redes sociais e, de certa forma, naturalizamos esse meio virtual como mais uma de nossas práticas diárias. Por isso questiono como seria o meu papel, enquanto pesquisadora, em um espaço no qual sou parte integrante. A Antropologia nos ajuda a estudar o que é diferente e distante de nós mesmos, e o que é familiar aos nossos olhos, fazendo com que enxerguemos o processo de naturalização das nossas ações.

Do mesmo modo, o fato de ser mulher negra e de utilizar técnicas para a manipulação do meu cabelo me insere duplamente dentro do meu campo de pesquisa. Por isso, faz-se necessário redimensionar as fronteiras que me localizam enquanto pesquisadora e “seguidora” de canais no YouTube, de acordo com o campo em que estou inserida. Isso auxilia ou não na reflexão do meu campo de pesquisa.

Tenho traçado uma trajetória dentro deste ambiente de investigação. Estou envolvida, desde a graduação, com a temática da estética dentro da mídia digital, que foi tema do meu trabalho de conclusão de curso. Nesse trabalho, me dediquei a uma análise antropológica sobre o período de “transição capilar” e como ele pode ser uma prática ritualizada, antes mesmo de ser estético.

Identifiquei, por meio da comunicação direta de mulheres dentro de um grupo fechado no Facebook, a troca de ideias e experiências entre as mulheres e seus meios sociais, fazendo com que o grupo fosse um local de referência para informações sobre questões como a transição capilar, o crescimento e a manutenção do cabelo natural.

Realizei a etnografia de um grupo fechado no Facebook, *Cacheadas em Transição*, e acompanhei diversas postagens em que mulheres compartilhavam impressões sobre sua relação com o cabelo e a sociedade durante o período de transitoriedade¹ ao qual se submeteram. Algumas coisas saltaram aos meus olhos: grande parte das mulheres que descreviam suas condições eram negras e já tinham vivenciado decepções com o uso de produtos quimicamente agressivos para o cabelo, os quais alteravam a estrutura do fio capilar (produtos de alisamento).

¹ Período de transitoriedade se refere a “transição capilar”, ou seja, o abandono de químicas que alteram a estrutura do fio capilar. Dessa forma o cabelo cresce de forma “natural”, sem intervenções de produtos que alisem ou estimulem cachos no fio.

O grupo era um meio de compreender como mulheres desenvolviam discursos capazes de moldar o seu corpo, por meio de novos significados e

parâmetros estéticos, que contribuem para levantar questionamentos sobre si mesmas.

Este trabalho articulava um discurso fundamentado na ideia de *natural* que ganha corpo dentro da cultura, ou seja, mulheres estão construindo ideias, significados e significantes ao delinearem suas trajetórias de vida² dentro desses discursos. Por opção metodológica e teórica, não explorei a fundo a temática racial que está presente nesse processo. Optei por uma linha de construção de um corpo estético por meio das construções de um discurso no Facebook, retirando a categoria racial da minha leitura do processo.

Porém, acredito que, ao ocultar a raça como uma categoria de análise, inviabilizei algumas interpretações que podem colaborar muito para a análise das mulheres que estão inseridas nessas redes sociais, de uma forma geral, e estão compartilhando entre si suas vivências nesse período e após a transição capilar. Algumas questões ficaram muito latentes, para mim, sobre as diversas postagens que acompanhei durante a pesquisa, entre elas a presença de mulheres negras que produziam blogs e vídeos ensinando como manusear o cabelo crespo, esse cabelo que emerge após a transição capilar.

Notei que o cabelo proporcionava às mulheres uma nova possibilidade de *performar* além do grupo fechado no Facebook. Elas estavam aprimorando o seu discurso, nos moldes da sociabilidade digital, por meio das técnicas capilares postas em circulação por elas. Ao conhecer os demais veículos de troca sobre a estética de mulheres negras, fiquei instigada em analisar como elas articulam seus corpos e suas falas para os seus pares e demais pessoas.

Neste mundo vasto de conteúdo, optei por migrar a minha pesquisa para o Youtube³, uma plataforma virtual em que qualquer pessoa pode postar vídeos. E encontrei um grande número de perfis de mulheres negras que estão refletindo, produzindo conteúdo ligado diretamente à estética da mulher negra, e cujo tema é a relação com o corpo e como ele ocupa os diferentes espaços sociais, sendo mediado pela estética. Dessa forma, elas discutem autoestima, identidade, comportamento, relações afetivas e política, entre outros temas.

² Digo que ocorrem mudanças nas trajetórias de vida pois, em muitos vídeos que falam sobre a transição capilar, são comuns relatos de mulheres negras dizendo como se modificou a relação com o corpo e cabelo após a transição capilar.

³ Mesmo com diversas redes sociais disponíveis, como Twitter e Instagram, optei pelo YouTube, por ser um local onde era possível vê-las performando seus corpos em vídeos e construindo discursos.

Fiquei um pouco receosa ao investigar um objeto do qual faço parte, pois, antes de transformar em objeto de pesquisa os vídeos de *youtubers* negras, eles já faziam parte do meu universo como mulher negra. Estabelecer tal distanciamento na minha pesquisa foi um desafio, pois durante todo o processo era necessário vigiar a minha prática. Como trabalhar a minha subjetividade ainda é um desafio, esta pesquisa foi um exercício contínuo.

A experiência etnográfica no espaço virtual entrelaça a minha posição como pesquisadora e meu lugar nesse campo, o que de alguma forma influencia na relação sujeito/objeto, fazendo com que seja necessário reconstruir a minha experiência na escrita.

Falo dessa forma, pois também faço parte desses espaços em que mulheres negras estão construindo novos discursos por meio de seus corpos. Entendo, por experiência, como é reconstruir uma nova percepção sobre si por meio da estética: passei pelo período de transição capilar e, durante esse processo, construí novas noções sobre questões raciais que, para mim, não eram até então um ponto de discussão.

Na minha trajetória, destaco a importância da aceitação da estética negra, pois aprender a lidar com a textura e o volume do meu cabelo foi fundamental para a compreensão e a construção de uma identidade racial. Por meio do cabelo, busquei novas representações sociais, nas quais eu poderia me reconhecer e alimentar a minha necessidade de ser representada. Um dos espaços onde encontrei pessoas que falavam do momento de mudança que eu estava vivendo, foi nas redes sociais, em especial o YouTube. Encontrei diversos perfis de mulheres negras que descreviam suas práticas em relação ao cabelo crespo, em transição ou não; assim, encontrei formas de cuidar e aceitar o meu cabelo.

Trago em minha pesquisa a articulação da estética e da tecnologia no debate sobre construção identitária. Creio que, dessa forma, mulheres negras se veem com a capacidade de modificar e ressignificar as relações sociais, alterando as concepções que indivíduos possuem sobre a sua vida e possibilitando uma maior interação social entre seus pares.

Ao articular a relação “tecnologia/cultura”, a partir dos efeitos da sociabilidade das *youtubers*⁴ negras, realizo uma análise dos discursos que circulam nesse campo. Por meio desses vídeos, as mulheres negras estão se tornando produtoras e mediadoras de produtos e de um discurso identitário através de suas

⁴ A *youtuber* é uma influenciadora digital, pois a mesma utiliza a plataforma para produzir conteúdo; porém, destaco que há também as influenciadoras digitais que não estão presentes no YouTube, mas em outras redes sociais, como Instagram, Twitter e Facebook.

performances estéticas e políticas. Analiso como elas relacionam as narrativas de suas vidas com as de outras mulheres, produzindo diversas representações identitárias a partir, principalmente, da estética.

Discutir o modo como *youtubers* negras estão produzindo um novo painel sobre as relações raciais e de gênero na sua performance é, de alguma forma, identificar os temas que atravessam o debate. Como mulheres negras estão produzindo um discurso identitário associado com a ideia de consumo e estética sobre si no espaço virtual? Pensar essa questão ajuda na compreensão do processo de “enegrecimento do ciberespaço” como um todo.

Há um processo de negociação de identidade na relação entre as *youtubers* negras. Em meio à popularização da internet, elas estão articulando raça e gênero, por meio da produção de uma interação marcada por diferenças sociais, e elaborando iniciativas que permitem a legitimação de seus discursos.

É interessante pensar como mulheres que sofrem com uma determinada segregação urbana estão expondo suas trajetórias sobre ser negra, pobre e periférica. As *youtubers* negras colocam suas trajetórias por meio do cruzamento de discriminações que lhes rodeia: raciais, classistas, sexuais e regionais. Assim, é possível ver a extensão de sua representação para diferentes grupos, atendendo às diversas demandas que estão em xeque na construção do sujeito.

A escolha dos canais etnografados, listados adiante, foi feita após uma pesquisa de canais na plataforma, na qual assisti a diversos vídeos e optei pela escolha de três mulheres especificamente, já que as mesmas se encaixavam no recorte desejado. O fato de todas abordarem a temática estética, cada uma a partir de sua ótica, é relacionado com a experiência que cada mulher negra possui com o seu corpo.

No primeiro capítulo, pretendo mostrar como se organiza o YouTube e, mais precisamente, como ocorre o processo de construção das práticas estéticas elaboradas por *youtubers* negras que estão realizando um formato de discurso que influencia a formação identitária racial. Proponho pensar o *youtuber* como um lugar de fala que viabiliza vozes periféricas a falarem sobre si e para si, bem como discutir como essas representações em torno da estética são capazes de fornecer dados para impressões da realidade.

O segundo capítulo é uma etnografia dos três de canais de *youtubers* negras. Eu já possuía contato com canais de *youtubers*, até por um interesse pessoal, e a

partir desse ponto selecionei três *youtubers* que morassem na Baixada Fluminense, e iniciei um mergulho em cada canal. Cada uma em sua localidade (Negra Rosa de Duque de Caxias, TAYA de Nova Iguaçu e Nathália Braga), refletindo sobre seu corpo, raça, gênero e sexualidade, entre outros temas. A ideia é perceber como, na prática, elas estão construindo seus corpos, em especial o cabelo, por meio de uma performance dentro do YouTube.

Por fim, realizo no terceiro capítulo uma análise dos dados etnográficos, relacionando-os com o mito da democracia racial, na tentativa de compreender como *youtubers* negras estão se tornando protagonistas de vídeos que são produtos sociais forjados dentro de um meio de sociabilidade que possui a capacidade de modificar a concepção de ser que o indivíduo possui de si mesmo. Sendo assim, o meu exercício neste trabalho é refletir sobre quais práticas sociais estão sendo operadas sobre o corpo das mulheres negras, durante suas trajetórias enquanto *youtubers*, e como tais práticas corroboram para a construção de um discurso identitário.

1 YOUTUBE, ESTÉTICA E SUBJETIVIDADE

1.1 YouTube: um local onde as práticas estéticas operam significados e significantes sobre corpos de mulheres negras

A partir das minhas observações nos últimos meses, percebi que, ao acessar o YouTube, encontramos mulheres negras de diversas idades e regiões do Brasil, que se dispõem a falar sobre assuntos – estética, estilo de vida, relacionamentos, sexualidade e comportamento, entre outros – capazes de ajudar outras mulheres a ter uma melhor autoestima, combater o racismo dentro e fora das redes sociais e questionar a falta de visibilidade do negro nos espaços de poder.

O YouTube é uma plataforma de vídeo. Ao visitar a plataforma, estão descritos “os valores que norteiam suas práticas: liberdade de expressão, liberdade para pertencer, direito de expressão e à informação. Tudo isso engloba a capacidade das pessoas de promoverem um diálogo”.⁵

O YouTube possui um espaço físico, chamado YouTube Space, distribuído em algumas cidades no mundo. Ainda de acordo com o site, esse espaço tem o intuito de unir “as pessoas mais criativas do YouTube para que elas aprendam, se conectem e criem conteúdo juntas”. Os *spaces* são encontrados em algumas cidades no mundo (Berlim, Dubai, Londres, Los Angeles, Mumbai, Paris, Nova York, Tóquio e Rio de Janeiro) e oferecem eventos e *workshops*, além dos recursos de produção.

Para possuir um canal no YouTube, é necessário criar uma conta/login na plataforma; com disso, é liberado o acesso à página de administração do perfil, na qual é possível enviar vídeos e realizar transmissões ao vivo na plataforma. A pessoa cadastrada no YouTube pode verificar, na página de configurações, informações como o tempo de exibição de seus vídeos, o número de visualizações e de inscritos em seu canal.

⁵ YOUTUBE. **Nossa missão é dar a todos uma voz e revelar o mundo.** Sem data. Disponível em: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

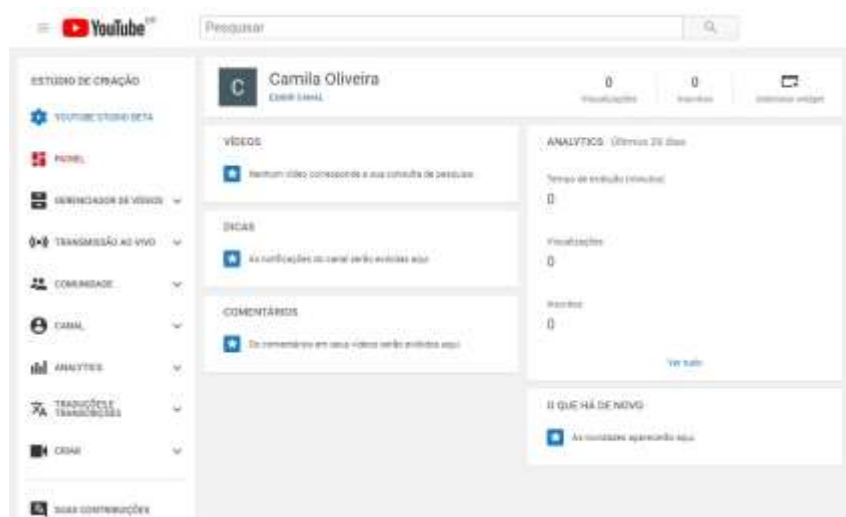


Figura 1: Página de administração do YouTube

O usuário da conta pode “monetizar” seus vídeos na plataforma por meio de um Programa de Parceria que incentiva a geração de receita no canal. Para isso, é necessário, de acordo com os novos requisitos (de janeiro de 2018), que o canal atinja 18 mil horas de exibição nos últimos 12 meses, e que obtenha mil inscritos no canal. Só assim o usuário poderá ser analisado para participar do Programa de Parceria do YouTube⁶.

Segundo o YouTube, essas ações visam fortalecer os requisitos de geração de receitas. Assim, criadores de *spams*, falsificadores de identidade e outros tipos de pessoas mal-intencionadas não afetarão o “ecossistema” ou tirarão vantagem dos criadores de conteúdo. Dessa forma, é possível ganhar dinheiro com os anúncios veiculados nos vídeos publicados do canal.

O YouTube permite ao usuário o gerenciamento de seus patrocinadores, o que, no entanto, não compromete o acordo que o usuário estabelece com o patrocinador, com o qual aquele deve se responsabilizar. A plataforma fornece suporte técnico (por meio de vídeos e páginas) com diversas informações para os criadores de conteúdo, tratando dos seguintes temas:

- geração de receita;
- transmissão ao vivo;
- envio de vídeos mais longos;
- incorporação de transmissões ao vivo;
- qualificação para receber patrocínios;

⁶ YOUTUBE. **Ajuda do YouTube**. Sem data. Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/72851?hl=pt-BR&visit_id=1-6366658904186325902795498226&rd=1>. Acesso em: 6 ago. 2018.

-
- informações sobre direitos autorais, entre outros.

Sobre enviar vídeos longos – no caso, com mais de 15 minutos –, eles demonstram como realizar o aumento do tempo. O YouTube possui um canal para ajudar seus usuários a publicar vídeos, ensinando o passo a passo na construção do canal.

O YouTube Space,⁷⁸ segundo o site, fornece um “vasto laboratório para aprendizados, conexões e criatividade”, além de treinamentos presenciais para a produção de vídeos e estratégias de estruturação de narrativas.⁹

Neste trabalho, dedico-me a observar como mulheres negras e periféricas estão se utilizando/apropriando das ferramentas digitais.¹⁰ Esta é uma forma de entender como elas estão se articulando na esfera digital e na “real”.¹¹

Mulheres negras reconstroem um sentido de realidade, agregando as experiências vivenciadas na esfera do real com o mundo virtual. Nesse contexto, elas exibem uma multiplicidade/diversidade de práticas sociais em um espaço tecnológico, por meio da estética. Acredito que seja necessário enxergar as produções de mulheres negras no YouTube como um conjunto de práticas que colocam em questão a forma pelo qual são construídas as categorias de gênero e raça.

Entre as práticas que estão sendo construídas em seus corpos, destaco as experiências com o cabelo. Através de técnicas de manipulação capilar, constrói-se a relação que envolve certas *youtubers* com as pessoas que as assistem (transmissores e receptores dos vídeos). Sendo assim, os vídeos que relatam tais experiências com o cabelo produzem um reconhecimento das vivências no YouTube. A estética, enquanto um fio condutor que influencia na valorização da mulher negra, estabelece uma recombinação dos padrões estéticos no YouTube, permitindo uma “delimitação”

⁷ YOUTUBE. **YouTube Space**. Sem data. Disponível em: <www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/space/>. Acesso em: 6 ago. 2018.

⁸ YouTube Space é um projeto que fornece oficinas para a pessoas, instituições e marcas com equipamentos de produção para o desenvolvimento de vídeos. YOUTUBE SPACE chega ao Brasil para produzir vídeos. 28 out. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/10/youtube-space-chega-ao-brasil-para-produzirvideos.html>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

⁹ Alguns cursos solicitam requisitos para inscrição, como números de inscritos no canal, possuir 18 anos e ter postagens regulares semanais. No YouTube Space, também é possível reservar espaço e equipamentos para a gravação dos vídeos.

¹⁰ Entendo por ferramentas digitais a virtualidade, a digitalização de conteúdos e formas, relacionamentos, produtos... que estão disponível na internet.

¹¹ Não estou utilizando a categoria real em oposição ao "virtual". Ambas são categorias que definem diferentes espaços, e que se fundem em diversos momentos.

de diversas características, como cor da pele, tipo de cabelo, moradia, idade, gênero e sexualidade, entre outras.

Youtubers negras estão desenhando a si mesmas e àquelas com quem dialogam. Por isso, entendo que essas conexões são de uma ordem reflexiva, já que *youtubers* negras relatam, em seus vídeos, o intuito de afetarem outras mulheres negras por meio de suas ações.

Por isso, proponho uma discussão sobre o mundo do YouTube – espaço físico-geográfico –, ressaltando três mulheres negras cujos vídeos possuem como tema principal a estética. Além desse fato em comum, chamo a atenção para o fato de todas residirem na Baixada Fluminense, região do Estado do Rio de Janeiro que possui os piores indicadores sociais¹², e produzirem conteúdo para o YouTube.

Os diversos processos de identidade, que perpassam a diferenciação de um grupo, são uma forma que algumas mulheres negras encontraram dentro desse fluxo para se apresentarem a si mesmas e ao outro. Elas mesclam suas realidades periféricas com suas vivências negras e femininas, oportunizando uma relação de liberdade e visibilidade.

Observando o YouTube, consigo enxergar que as trajetórias individuais de *youtubers* negras ganham sentido/são construídas nesse espaço de produção quando aliadas aos contextos de sua realidade. Todo o trabalho de investimento na produção de suas imagens afirma e realça suas diferenças e informa os espaços sociais em que seus corpos circulam.

Falar de mulheres negras que moram na Baixada Fluminense é uma forma de compreendermos a influência do local sobre o conteúdo produzido. A forma pela qual possuem acesso aos meios para a produção de vídeos constitui os contextos originais dos vídeos. O local de onde falam é um ponto de partida para iniciarmos a reflexão sobre como que essas limitações são variáveis importantes para pensarmos suas trajetórias.

1.2 Lugar de fala: periferia e identidade

¹² OLERJ. **Desigualdade na Baixada Fluminense**. Sem data. Disponível em: <<http://olerj.camara.leg.br/retratos-da-intervencao/desigualdade-na-baixada-fluminense>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

1.2.1 Campo físico e virtual: fronteiras do social que delimitam o virtual

Geralmente pensamos, centro e periferia como áreas dicotômicas, onde a primeira categoria é um espaço que possui acesso á serviços de utilidades publicas como oferta de serviços de saúde, educação, empregos e a segunda não possui

esses serviços em abundância. Neste trabalho, destaco a potência de youtubers negras que residem na Baixada Fluminense, região periférica do Rio de Janeiro, porém chamo a atenção sobre a produção de vídeos na sua região de origem.

Tais youtubers não possuem apenas uma vivência periférica, as mesmas circulam por diferentes espaços dentro do Rio de Janeiro, e isso faz com que a sua fala, seja de alcance para mulheres de diversas localidades do Brasil e do mundo. As narrativas criadas por youtubers negras, são feitas de dentro da periferia, onde mesmas são protagonistas de novas formas de associação e de subjetividade que, nas plataformas de vídeo, permitem uma construção sobre si mesmas e, com as ferramentas adequadas, elaboram os discursos no ciberespaço com o intuito de reconstruir alguns pressupostos da sociedade.

As Youtubers, enquanto mulheres negras estão destacando suas vivências com o seu corpo e por meio dele, através da inovação da tecnológica. O mundo digital propicia estratégias para que essas youtubers alcancem outras mulheres que não são exclusivamente periféricas, porém compartilham das mesmas experiências com o seu corpo negro.

Muitas dessas *youtubers* negras iniciam suas trajetórias através de vídeos relatando o seu processo de transição capilar, e como foi a aceitação de si a partir do seu cabelo. É muito comum ver, nos vídeos, tutoriais de como cuidar do cabelo. Nesse processo, elas ensinam a fazer texturizações¹³ e dão dicas de produtos e receitas caseiras que auxiliam no crescimento saudável do cabelo em transição.

Tais ações online são replicadas em diversos canais, por exemplo, como o cultivo do cabelo natural, indicação de um mesmo creme por várias *youtubers*, pautas como "empoderamento", "feminismo negro" e "técnicas de finalização capilar". Sendo assim, a replicação de um discurso ganha potência e espaço dentro da plataforma.

A seguir, irei exemplificar um pouco sobre esse universo de *youtubers* negras, destacando algumas mulheres como Ana Paula Xongani, de São Paulo, que produz seus vídeos (desde 2012) abordando diversas temáticas. Uma delas é a divulgação do seu trabalho como afro-empREENDEDORA, no qual, por meio da moda, ela busca resgatar a cultura afro-brasileira. Ela vende em seu site colares, brincos e

¹³ Texturizações são técnicas que auxiliam na modificação da textura do cabelo, como *twists* e *blow out*, entre outras.

turbantes, e utiliza o "Ateliê Xongani" como um espaço para eventos que articulem as temáticas da estética e da beleza negra, do empoderamento da mulher negra, feminismos e relações étnico-raciais. Seu canal tem em torno de 1.136.108

visualizações e 53.600 inscritos,¹⁴ que acompanham a produção de seus vídeos sobre estética e moda, afro-empendedorismo, maternidade e autocuidado, entre outros.

Outra *youtuber* negra famosa é Nátaly Neri, do canal "Afro e Afins" (existente desde 2015), que possui cerca de 428.000 inscritos e 16.427.226 visualizações. Nos vídeos, vemos dicas sobre como garimpar roupas em brechós, visando outras opções de consumo de moda. Embora este seja o tema do canal,¹⁵ ela também discute temas importantes sobre "o seu lugar no mundo". A mesma se autointitula uma mulher negra e feminista que ama brechó, costura e moda. Assistindo aos seus vídeos, podemos entender o seu posicionamento político sobre as relações étnico-raciais, além de conhecer um pouco mais sobre tutoriais de maquiagem e cabelo; a relação com o próprio corpo; autoestima; seu relacionamento afetivo com um homem trans; sua vida acadêmica; estilo de vida natural; feminismo e suas influências de outras mulheres negras, entre outros temas.

Por fim, apresento a *youtuber* Rayza Nicácio, cujo canal, existente desde 2009, conta com cerca 1,5 milhão de inscritos e 98.611.954 de visualizações. Ela já produziu e postou mais de 500 vídeos, que falam sobre maquiagem e cabelo, sua relação com a igreja (ela se intitula cristã), a relação com o seu corpo, casamento, família, viagens, decoração do apartamento e "empoderamento feminino". Ela comenta sobre as suas viagens e sobre os presentes que ela recebe de patrocinadores. Em 2017, ela começou a se posicionar sobre questões raciais.¹⁵ A ideia de ser livre para tomar as suas decisões (casamento, ser cristã, divórcio e temas sobre sua vida pessoal) é muito comum em seus vídeos, em que ela cria um espaço de bate-papo com os seus seguidores. Rayza Nicácio é garota-propaganda de grandes marcas de cosméticos e moda, como Tresemmé (linha de produtos para cabelo) e Zattini (loja de moda online), e promove outros produtos que ela recebe, como os da

¹⁴ Inscritos são aqueles que recebem notificações a cada postagem de vídeo novo no YouTube. E visualizações é o número de pessoas que assistem aos vídeos sem a inscrição no canal. Destaco essa informação, pois um vídeo pode ganhar uma grande visibilidade, maior que o canal da *youtuber*, e acaba sendo replicado em outras redes sociais. ¹⁵ Canal é um perfil criado pelo usuário da plataforma do YouTube, onde é possível criar e postar seus próprios vídeos, e difundir seus conteúdos.

¹⁵ NICÁCIO, Rayza. **Quando me reconheci negra**. 19 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zZGxGWUz0vY>>. Acesso em: 6 ago. 2018. Vídeo produzido a partir de um convite da marca de canetas Stabilo, para contar como ela vive suas cores.

Boticário (loja de cosméticos) e da La Roche Posay (linha de tratamento dermatológico), entre outros. Destaco Rayza Nicácio como uma das *youtubers* que possuem maior visibilidade no campo da estética, pois a mesma gera publicidade para diferentes marcas e possui cerca de um milhão de inscritos em seu canal e 98.611.954 visualizações de seus vídeos.

Outra paulista que se destaca é a Xan Ravelli, do canal Soul Vaidosa, que surgiu em 2013 e tem cerca de 49.000 inscritos e 1.165.177 visualizações. Seu canal aborda dicas de maquiagens, tutoriais para cabelos crespos e cacheados e ideias sobre comportamento. Possui muitos vídeos sobre maquiagem específica para a pele negra, conversas sobre feminismo negro e maternidade negra, nos quais trata sobre a relação com seus filhos, o casamento e a rotina de cuidados com o seu corpo. XanRavelli é uma das “embaixadoras” da SalonLine, representando a marca nos eventos de apresentação de novos produtos. Nos vídeos, ela demonstra como os produtos direcionados para cabelos crespos são usados, através dos vídeos gravados como “resenhas”¹⁶ dos produtos, comentando as qualidades e benefícios para o cabelo.

Rose Hapuque se define como *youtuber* nordestina e 4c¹⁷, e tem o canal desde 2013, com cerca 113.000 inscritos e 6.350.503 visualizações. A partir da sua autodefinição, chamado por ela “lugar de fala”, ela se diz baiana, negra, cientista social, crespíssima e empoderada. Ela relata, no canal, a sua trajetória como mulher que possui o cabelo 4c. Produz vídeos sobre autoaceitação e autoestima, compartilha experiências que ela tem com o seu cabelo crespo, dá dicas de cuidados, produz resenhas de produtos indicados para o seu tipo de cabelo (dando atenção especial para os produtos Skala, em 2017, e, a partir de 2018, aos produtos Soul Power, do qual é “embaixadora”¹⁸) e promove bate-papos sobre afirmação de identidade das mulheres negras.

A projeção em uma mídia de escala global é uma forma de se fazer visível na sociedade, por isso julgo importante analisar tais ações das *youtubers* negras, pois

¹⁶ Resenha é um vídeo que contém informações e explicações sobre o modo de uso, ingredientes e finalidade e efeito do produto na pele e cabelo.

¹⁷ Sistema de classificação desenvolvido pelo *hairstylist* André Walker para classificar o cabelo de acordo com a textura e características do fio, especialmente dos cachos. Os cabelos cacheados são identificados como 2a, 2b, 2c, 3a, 3b, 3c, 4a,4b e 4c. ou seja, do cabelo com leve cacheado ao mais crespo. Esta tipologia possibilita a indicação de produtos específicos para cada tipo de cabelo crespo, atendendo suas particularidades.

¹⁸ “Embaixadoras” são mulheres que realizam vídeos, postam em suas redes sociais e participam de eventos sobre os produtos de uma determinada marca.

são uma forma de se compreender como essas conexões estão sendo agenciadas dentro do vasto universo de produção de subjetividades no ciberespaço.

Nas plataformas de vídeos, o corpo negro se articula à tecnologia na produção de subjetividade no meio de fluxos e circuitos que compõem as ações e comportamentos dos indivíduos. Esses fluxos são a intensidade com que as mulheres negras estão se apresentando para o outro. A mescla de corpos com a tecnologia oportuniza a construção de uma relação de liberdade e visibilidade no mundo virtual e *offline*.

Os diversos vídeos produzidos por mulheres negras estão se tornando um movimento que possibilita a autoconstrução de si. Grande parte das *youtubers* negras que começaram, no período de 2009 a 2010, a gravar seus vídeos para os canais no YouTube, já possuíam blogs e perfis em redes sociais, os quais já consistiam em um espaço de publicação de conteúdos sobre estética. Daí, seguiram com mais uma rede social, utilizando os vídeos como uma estratégia para produzir material sobre beleza e interesses pessoais.

A informação acima torna-se importante quando suas falas estão centralizadas no fato de serem moradoras de periferias,¹⁹ dando corpo e voz, e assim discutem sobre suas subjetividades e estratégias de ser em suas realidades. E tais realidades dinamizam a produção de material cultural dentro do YouTube. Suas práticas discursivas são relacionadas com a percepção do corpo, como a pele negra/cabelo crespo. A estética negra tem o papel de rearticular os sujeitos consigo mesmos, além de enfatizar o processo de autoconhecimento da mulher negra, investindo na produção de suas autoimagens.

Os seus corpos são regulados, principalmente, por outras mulheres negras, na medida que elas geram influência sobre outras; elas possuem "seguidoras" que acompanham suas trajetórias no YouTube. Essa regulação produz análise de práticas, discursos, representações e imaginários sobre a relação da mulher com o seu corpo, em especial o cabelo. Segundo o dito popular, o cabelo é a moldura do rosto, e talvez por isso o cabelo possua um caráter simbólico importante na construção da imagem corporal. O cabelo expressa parte da identidade do indivíduo, ao refletir a imagem que querem valorizar/ressaltar, através de posturas ideológicas, pertencimentos sociais e culturais.

¹⁹ Refiro-me aos vídeos em que elas demarcam seus espaços geográficos, por meio de dicas de lojas que vendem produtos de maquiagem e cabelo em sua região, ou quando fornecem dicas de lugares para entretenimento. Dessa forma é possível enxergar suas periferias.

O YouTube possibilita a construção de um projeto de autoidentidade, no qual o corpo é um elemento que integra as ações com uma trajetória do passado e do futuro. Pensando por esse ângulo, a *youtuber* possui uma postura reflexiva sobre suas ações e o possível impacto em terceiros. Essa nova forma de afirmação de identidade, diferente das que vivenciamos na década de 1970,²⁰ é forjada em um ambiente com maior fluidez e alcance de projeção social. Tal interação digital é um recurso interpretativo da pluralidade existentes entre mulheres negras. Na década de 1970, “as autoimagens produzidas pelas organizações negras seguiam a tendência dominante de afirmação da diferença” (PINHO, 2004), e assim surge a

necessidade de representações para o negro visando a construção de identidades racializadas.

Olhar para o material que elas dispõem na plataforma de vídeo, suscita uma possível discussão de uma crítica identitária *sobre e para* mulheres negras. Esses conteúdos possuem relevância para todas essas mulheres ou estão ajudando na padronização de um perfil? A produção de discursos por *youtubers* negras é uma forma de ativismo digital? Será que as questões abordadas por elas fazem parte de sua realidade social? A exposição de seus corpos negros no YouTube é uma tentativa de “driblar” e apresentar o racismo como algo que permeia a estrutura de nossas relações sociais? O formato de sociabilidade, independentemente dos entraves/dificuldades, elabora uma comunicação corporal que se manifesta através dos tutoriais de maquiagem e manipulação capilar?

A proliferação de vídeos faz com que as relações sobre a percepção do corpo da mulher negra (especificamente o cabelo) se modifiquem, de forma que a inclusão da beleza negra como uma categoria de estética seja uma ação prática que redesenha a estrutura na qual mulheres negras estão localizadas. Tal compreensão de si próprio, que ocorre por meio da produção de vídeos, pode indicar um processo de lidar com normalidade o seu corpo, que é alvo de diversas estereotipações, sem reduzir a sua particularidade.

1.3 Identidade, Baixada e estética

As youtubers negras que acompanho para este trabalho se localizam na

²⁰ Faço referência ao movimento Black Power de adoção de uma nova estética negra, relacionada a um processo de elevação da autoestima de pessoas que, até então, sentiam vergonha da cor da sua pele e da textura de seus cabelos. (PINHO, 2004)

Baixada Fluminense, que por décadas,

foi sendo reconhecida socialmente, não por seus atributos culturais, econômicos ou ambientais, mas tão somente pela ótica da violência. Seus municípios que possuem características específicas são reconhecidos como locais de miséria e criminalidade, até mesmo porque geograficamente é aonde se encontram bairros de comunidades populares, composta sobretudo de jovens negros e pobres, filhos de trabalhadores que têm sido excluídos e discriminados, constantemente, de forma injusta e desumana. Assim, este é um lugar onde a criação de estereótipos e preconceitos estão presentes em todos os espaços. (Machado e Dupret, 2009)

Por meio de seus corpos e ideias, *youtubers* negras elaboram enredos sociais que estão dando novas perspectivas para discussões hegemônicas sobre beleza, incluindo nessa reflexão a mulher negra. Correia (2015) destaca que “a especificidade de mulheres não brancas periféricas, assim como seus interesses de vida, amores, sonhos são aspectos secundários nos estudos majoritários que estudam sua sexualidade, número de filhos, abandono, penúria, violência doméstica”.

Por isso, destaco como relevante para esta pesquisa a produção de vídeos nos diversos canais do YouTube, pois são essas mulheres que estão construindo suas falas, e se colocando em um lugar do qual é possível escrever suas histórias e fornecer suas contribuições. Elas criam forma para o tipo de representação no qual querem ser apresentadas para a sociedade.

Estar nesse lugar é produzir uma linguagem na qual há uma modalidade de fala/agência para mulheres negras da periferia (Baixada Fluminense). Tais produções podem nos auxiliar a pensar se há mecanismos discriminatórios, dentro do YouTube, agindo sobre essas mulheres.

No YouTube existem diversos canais que possuem como temática a estética. Ao pesquisar na plataforma por “canais de beleza negra”, aparecem aproximadamente 19.400 canais e vídeos que abordam essa temática.

Os canais de mulheres negras falam sobre a sua forma de viver e sentir sua estética. Através desses vídeos, mulheres negras estão redesenhando autoimagens que afirmam suas particularidades, e traçam trajetórias de suas vidas por meio e a partir da estética. Tais mulheres estão investigando sobre si mesmas, e produzindo suas subjetividades, o que, para Rey (2003), é algo que “não pode ser compreendido individualmente, e sim deve ser lido como um sistema complexo produzido de forma simultânea no nível social e individual”.

Youtubers como Negra Rosa, Taya e Nathália Braga são mulheres que iniciaram uma trajetória no YouTube em períodos diferentes, até com pautas diversas, mas que compartilham, por meio de seus vídeos, experiências com o seu

corpo negro. Todas essas mulheres residem na mesma região, a Baixada Fluminense, e são produtoras de conteúdo no YouTube.

Elas estão em busca de aumento do número de inscritos e visualizações em seus canais; além disso, articulam atividades econômicas, culturais, políticas e sociais por meio de seus perfis, estruturando suas práticas dentro e fora do ambiente virtual. Enquanto influenciadoras digitais e *youtubers*, elas tornam-se referências sobre um estereótipo físico e emocional da mulher negra.

Por meio de suas performances nos vídeos, podemos identificar associações positivas e negativas relacionadas à figura da mulher negra. As *youtubers* negras dinamizam e aceleram conexões com outras mulheres negras e produtos. Elas reconfiguram seus corpos por meio da disseminação de imagens e discursos na rede.

Todas essas mulheres estão articulando entre si a interseccionalidade. Elas estão “capturando as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre eixos de subordinação”. Crenshaw (2002) também observa que o racismo, o patriarcado, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas às mulheres, raças, etnias e classes, entre outras. A mesma acrescenta que “dinâmicas variáveis que formam a subordinação de mulheres racialmente marcadas podem desenvolver intervenções e proteções mais eficazes”.

Mulheres negras estão construindo um suporte de ações por meio de seus vídeos, que se transformam em estratégias de resistência aos mecanismos discriminatórios que a sociedade incide sobre seus corpos. Entendo que o YouTube faz parte da sociedade; porém, nesse espaço, há brechas para que ocorra uma tomada de consciência sobre suas ações, e nesse ponto é que ocorre a produção de um discurso.

Elas estão construindo identidade como um movimento, que possui as suas experiências localizadas e posicionadas pelos marcadores de diferenças sociais; logo, suas posições são capazes de influenciar o outro, na medida em que estabelecem vínculos com as vivências de seus pares. Por isso, destaco o lugar onde estão localizadas geograficamente, pois o mesmo demonstra quais marcadores sociais incidem sobre elas. Cardoso (2017) contribui ao dizer que os marcadores de desigualdade ou de diferença são categorias capazes de descrever os indivíduos.

As identidades de *youtubers* negras estão sendo vividas e pensadas como uma alternativa de significação da experiência social, e expressadas como representações que produzem noções de lugar e espaço, para contextualizar o grupo no qual estão inseridas. Definitivamente, há um fortalecimento dessas mulheres para a construção de “novas identidades” e questionamentos sobre si.

1.4 O cabelo como descritor de identidade

Ao fazer uma abordagem antropológica do cabelo, deve-se compreendê-lo como parte de um “corpo social e linguagem”, já que o mesmo faz parte da esfera cultural. O cabelo, nessa análise, pode ser percebido como um signo que viabiliza a construção de identidade através da ideia de pertencimento de grupo. Toda essa discussão perpassa o campo da cultura, pois a forma como o cabelo é enxergado e manuseado é ditada através da orientação que possuímos sobre os nossos corpos na vida social. A leitura que fazemos do cabelo gera classificações, códigos e símbolos que nos orientam nos diversos usos deste.

Compreendendo o cabelo como parte de um corpo que está sujeito a mudanças e que possui diversas representações sociais e produção simbólica, não podemos tomá-lo como algo dado. Desnaturalizar o cabelo é perceber quais as dimensões sociais que estão por trás do que é apresentado. É necessário que haja a reflexão de quais são os instrumentos ou técnicas capazes de moldá-lo de acordo com o contexto social no qual está inserido.

O cabelo é um agente do processo de transformações e logo torna-se um produto “fabricado” e moldado de acordo com a trajetória de vida do indivíduo; por isso, o cabelo possui grande peso na formação da identidade quando o pensamos como fruto de uma experiência individual ou coletiva. Por meio das observações do trabalho de campo, encontrei muitos vídeos que abordam a temática que envolve a transição capilar.²¹ O abandono de químicas transformadoras é um período em que mulheres negras constroem uma imagem visando à beleza do cabelo natural. Paraphraseando Pinho (2004), há a criação de imagens positivas que fixam significados e estão forjando dentro do YouTube uma suposta essência baseada na aparência.

Há uma relação entre a autoestima e cosméticos, pois por meio do segundo torna-se possível o processo do enaltecimento da identidade étnica. Para Santos (1999), a imagem do cabelo natural passou a ser reverenciada como aquela que se contrapõe ao cabelo liso, com uma nova mentalidade do “ser negro”:

... eu tinha cabelo liso há mais de quinze anos, formol, já usei todas as químicas do mundo. Usei todo tipo de formol que existe... e teve uma época em que eu falei que não usaria mais nada. Eu quero cortar o cabelo, não aguento mais me olhar no espelho com esse cabelo. Eu acho assim, que cada um tem que fazer o “corte”, o “grande corte,

²¹ Período em que o indivíduo convive com duas texturas no cabelo – lisa e crespa/cacheada – e em que ocorre o abandono do uso de químicas que alteram a estrutura capilar.

que é o nome do “*Big Chop*”,²² se estiver sentindo bem. Não precisa ter cabelo crespo, fazer militância preta. Não precisa de cabelo crespo para se reconhecer como mulher negra, não, não mesmo! Você pode ser quem você quiser, você pode usar o tipo de cabelo que você quiser, para você se reconhecer como mulher negra. Porém, eu, como mulher negra, quando estava naquela minha identificação de “sou preta”, “sou mulher negra” [...] ficou muito doloroso me ver no espelho com aquele cabelo liso... (Canal da TAYA, vídeo publicado no dia 10 de março de 2016)²³

O cabelo torna-se mais simbólico dentro do meio comunicacional. Ele é a extensão da visibilidade e proporciona legitimidade para as *youtubers* negras como

sujeitos políticos. Ele é um signo, um corpo social e uma linguagem, e auxilia na construção de discursos identitários, na ideia de pertencimento de grupo. A forma pela qual o cabelo crespo é manuseado no YouTube por mulheres negras gera discursos que são capazes de representar, na medida em que proporcionam o reconhecimento de suas qualificações enquanto sujeito, ou seja, como mulher negra.

O cabelo enquanto parte do corpo está sujeito a produzir diversas reproduções simbólicas e sociais, logo não podemos lidar com o mesmo como algo natural. Ele possui uma bidimensão, cultural e biológica, gerando influência sobre o outro, e expressa ações que são capazes de produzir classificações, códigos e símbolos que orientam performances dentro do YouTube.

O cabelo ajuda a compor a performance de *youtubers* negras em suas trajetórias no YouTube. A construção de uma estética inicia um processo que vai além de um indivíduo, elaborando a distinção de indivíduos pela diferenciação do corpo. O cabelo é parte do corpo que produz linguagem, gerando ações coletivas que agem e constroem habilidades e competências, ou seja, o cabelo compõe a noção de pessoa.

Esse cabelo natural, exaltado no YouTube, transforma-se em muito mais que uma rede de significados: ele se torna uma forma de articular as relações sociais. Por meio dele, as mulheres negras constroem um novo corpo, que é performatizado através da fundamentação do que venha ser um “cabelo natural”.

As ações pautadas nos vídeos são práticas que estimulam a “naturalização do cabelo crespo”, e implicam na ideia de um cabelo como um agente plural, que realiza uma espécie de “bricolagem” (LEVI-STRAUSS, 1989 [1908]), na qual ocorre

²² Big Chop (Grande Corte) é o momento em que o indivíduo corta toda a parte alisada de seu cabelo, e fica apenas com o cabelo natural.

²³ TAYA. **Transição Capilar com Luci Gonçalves | blogdaTaya**. 10 mar. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q6HH6C9rl_Q>. Acesso em: 30 out. 2017.

a junção de diversas perspectivas sobre a estética da mulher negra, em especial o cabelo. Tais perspectivas, quando reunidas, contribuem para a construção identitária.

Para Quintão (2013), o cabelo é uma das ferramentas corporais mais expressivas: ele “fala” antes que tenhamos a chance de nos expressarmos verbalmente. O cabelo compõe nossa imagem para o mundo; ele faz parte da apresentação externa do indivíduo, aquela que mais se expõe e que mais rapidamente é percebida por outros. Ou seja, é uma das imagens corporais que mais “dialoga” com nossos interlocutores. A maneira como cada pessoa concebe sua própria imagem e como pretende mantê-la está diretamente ligada ao desempenho dos nossos papéis sociais.

Youtubers negras estão experienciando, por via de seus corpos, o modo como o cabelo, performado em um ambiente digital/social, é capaz de agregar valores para relações específicas como consumo e identidade. Acho importante destacar quais são as associações construídas nesse circuito digital.

Elas estão desenvolvendo um processo de aceitação da estética negra, por meio de um impacto ocasionado pela exposição de suas vidas na internet. É claro que a expressão de “atitudes e concepções particulares sobre si mesmas, sobre outras pessoas e sobre seu mundo” (FERREIRA, 2009) exerce influência no desenvolvimento da construção identitária de indivíduos de uma maneira geral.

Elas tornam-se referenciais dentro da estética negra, e assim estão criando um possível mecanismo de valorização das mulheres negras dentro e fora do YouTube. Dessa maneira, elas assimilam os estigmas que foram construídos sobre elas, e os transformam em aceitação.

A estética sempre foi uma forma de categorizar as pessoas, evidenciando os sinais corporais que diferenciam uns dos outros. A estética torna-se um estigma, na medida em que ela é uma forma de afirmar a inferioridade de terceiros pela aparência. Mulheres negras sempre tiveram seus corpos estigmatizados, por seus traços negroides, cor de pele e textura de seus cabelos.

A feminilidade que perpassa a estética negra sempre foi vista de forma depreciativa, sendo assim é estabelecida uma linguagem de preconceitos em relação à aparência das mulheres negras. Por serem colocadas nesse lugar, mulheres negras tentam por anos corrigir a condição na qual são estereotipadas, com esforço individual e coletivo para alcançar a aceitação.

Elas utilizam a estética, em especial o cabelo, como uma espécie de “fachada” (GOFFMAN, 1985) ou “equipamento expressivo” que, de certa forma, padroniza uma intenção, expressa a valorização da beleza negra e reforça uma identidade racial por meio das performances digitais no YouTube.

A naturalidade do cabelo crespo, exaltada por muitas mulheres negras no YouTube, acaba se transformando em um incentivo para que haja a reflexão sobre a possibilidade de construir e pensar o corpo por outras vias não legitimadas e não reconhecidas socialmente até então (VILAR, 2012). Assim, a estética negra se distancia de complexos que estigmatizam a performance capilar. Dessa forma, elas apresentam seus cabelos dentro das práticas sociais em que estão inseridas e dos discursos que são atrelados a eles).

São diversas as intervenções apresentadas por *youtubers* negras, como o uso de produtos e técnicas de texturização, ou melhor, práticas que “docilizam” o cabelo crespo. Essa naturalidade do cabelo crespo é atrelada a uma elevação da autoestima feminina, e assim *youtubers* negras produzem um novo “ethos” estético.

Goldenberg (2007), ao falar que “as imagens do corpo têm sua própria capacidade de transmissão de ideias e propriedades”, nos ajuda a compreender que para as *youtubers* negras o corpo, em especial o cabelo, é um elemento fundamental para o estilo de vida em seus canais, nos quais a preocupação com a aparência está carregada de investimento pessoal. O cabelo e a pele tornam-se um capital, cercado de investimentos econômicos, ideológicos e políticos; aliás, o cuidado com o corpo demanda tempo.

Esse cabelo naturalmente crespo permite um novo olhar para a estética feminina negra, criando signos de distinção por meio de uma certa glorificação do cabelo natural. O cabelo passa a ser interseccionalizado, na medida em que ele é um local de disputa de poder no qual os gêneros se inscrevem (BOURDIEU, 2002). A crespura dos cabelos, no YouTube, é a percepção das mulheres negras sobre si mesma. É a oportunidade que elas possuem de construir representação sobre um produto do seu corpo.

Em meio a todo esse encontro de fios (digitais e capilares), texturas e subjetividades, acho importante destacar o circuito e a continuidade com que *youtubers* negras estão compondo suas ações práticas; elas estão deixando registrado em seus perfis a potência de suas vozes e corpos ecoarem uma espécie de fortalecimento identitário por meio de suas performances.

2 ETNOGRAFIA DOS CANAIS DO YOUTUBE

2.1 Taya – Moda suburbana e feminista

Os vídeos escolhidos para a etnografia do Canal da Taya foram selecionados após eu assistir a 18 vídeos de um universo de 58. Selecionei aqueles em que Taya abordava a sua relação com o corpo e o cabelo e em que, de alguma forma, destacava suas escolhas ideológicas. Alguns desses vídeos estão entre os dez mais populares: “Colorismo e Pigmentocracia: EUA & BR” e “Tour pelo meu corpo”.

O canal da Taya existe desde outubro de 2015. Possui cerca de 12.700 inscritos e uma média de 279.390 mil visualizações dos 58 vídeos postados até o dia 21 de julho de 2018. Nota-se que nos primeiros vídeos não havia um cenário montado para a gravação, demonstrando um certo amadorismo inicial.



Figura 2: Logo do Canal da Taya

A estreia do seu canal ocorreu em janeiro de 2016, e em seu primeiro vídeo, que alcançou cerca 3.200 visualizações, ela faz sua apresentação contando um pouco da sua história e do lugar a partir do qual se posiciona: como suburbana e feminista. Essa definição se refere ao local em que ela mora, Nova Iguaçu, e às suas posturas políticas e ideológicas.

Ela se apresenta como aluna de Artes Cênicas – Indumentária na Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com 22 anos e moradora de Nova Iguaçu. Conta sobre a decisão de ter uma rede social para compartilhar suas ideias, tutoriais e experiências de um modo geral. O primeiro contato com algo similar tinha sido feito por meio do Facebook, pois muitas meninas ao seu redor perguntavam para ela sobre suas maquiagens e tranças coloridas. A partir daí ela criou uma página no Facebook, em 2015, e um blog compartilhando essas dicas.

Em seu primeiro vídeo, ela destaca a vontade de falar sobre mulheres negras, empoderamento feminino e racismo na sociedade, além das dicas de cabelo e

maquiagem. No começo, ela diz não ter acreditado muito na produção de um blog ou página para compartilhar as dicas, mas, devido ao estímulo de terceiros, ela iniciou sua trajetória no Facebook.

Quando ela inicia sua página no Facebook, a jornalista Karoline Gomes entra em contato com ela e apresenta um vídeo chamado “Uma pergunta para as mulheres negras”. Nesse vídeo, a pauta principal é o empoderamento da mulher negra. O foco do vídeo é em torno de uma pergunta: “o que você, mulher negra, ama em outra mulher negra”? E a proposta é transformar a pergunta em uma *hashtag*²⁴: #PRETAAMAPRETA.



Figura 3: Descrição do perfil de Taya

Ela destaca em sua “pauta” (proposta de vídeo) a “falta de representatividade”, pois entende que mulheres negras “nascem” sem possuírem um referencial de beleza. Ela diz que as mesmas são rodeadas de *barbies*²⁵ e passam a estranhar a si mesmas. A mulher negra não se vê em nenhum lugar, então surge a pergunta sobre “quem é você” e “por que você está neste lugar”. Ao

²⁴ Segundo o site Canaltech, *hashtag* é um composto de palavras-chave, ou de uma única palavra, que é precedido pelo símbolo cerquilha (#). *Tags* significam etiquetas e referem-se a palavras relevantes, que associadas ao símbolo # se tornam *hashtags* que são amplamente utilizadas nas redes sociais. Esse tipo de marcação, utilizada nas redes sociais e em outros meios, serve para associar uma informação a um tópico ou discussão. Geralmente essas *hashtags* tornam-se links indexáveis pelos mecanismos de busca. Isso permite que os demais usuários possam clicar nelas ou procurá-las e visualizarem todas as informações, imagens, vídeos etc. relacionados a elas. Disponível em: <<http://www.canaltech.com.br/produtos/O-que-e-hashtag/>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

²⁵ *Barbies* são bonecas de origem norte-americana criada desde os anos 1950. É um dos brinquedos infantis mais vendidos no mundo, representando uma jovem de corpo esguio cujo modelo inicial e mais conhecido tem os cabelos louros. Posteriormente, a Barbie passou a ter versões étnicas, mas o modelo magro e ocidentalizado permaneceu mesmo nessas versões.

dizer que “mulheres negras se estranham”, ela esclarece que as mesmas não reconhecem os seus traços enquanto belos, portanto não se enxergam como um referencial de beleza.

Taya levanta essa questão pois acredita que é na infância que se inicia o “auto-ódio”, e assim a mulher negra cresce na sociedade sem se amar. Logo, se ela não se ama, fica inviável amar o seu par (outras mulheres negras). Por isso, na pergunta inicial do vídeo, ela chama atenção para a falta de amor próprio das mulheres negras, o que, segundo ela, gera doenças como depressão e ansiedade nas mulheres negras.

A *youtuber* reflete sobre o que ela ama nas mulheres negras, ao destacar a força que toda mulher negra utiliza para enfrentar os obstáculos da sociedade. Outra característica é a beleza. Ela destaca a pele, cabelo, boca, nariz, o corpo todo da mulher negra como belo. E sugere uma corrente entre cinco *youtubers*, para que elas respondam a mesma pergunta utilizando a #PRETAAMAPRETA, com o intuito de que a *hashtag* circule nas redes como campanha. Por fim, ela pede que todos possam compartilhar a *hashtag*, e que todos possam se inscrever no canal e compartilhar seu vídeo.

Taya Oliveira também é produtora da feira e festa Gambiarra. Inicialmente, a feira era fruto de um projeto que reúne os brechós da região da Baixada Fluminense em eventos bimestrais que ocorrem em Nova Iguaçu (Praça do Skate). A *youtuber* integra o “Coletivo Gambiarra”, que surge, segundo ela, de uma vontade e paixão dela com mais duas amigas (Carol Tavares e Clara Rodrigues), com o intuito de organizar um coletivo de produção de moda.

Ela destaca Nova Iguaçu como ponto fixo do coletivo, e diz que o mesmo se inspira em uma feira cultural – PUFF – que acontecia na cidade. Segundo ela, a proposta é pensar Nova Iguaçu de forma plural, promovendo, mais do que uma feira, um evento cultural com expositores de moda, gastronomia, arte e brechó. Nos eventos ocorrem intervenções culturais, como saraus, microfone aberto, apresentação de peças de teatro e presença de MCs.

Segundo Taya, o evento dá preferência a produtos e conteúdos feitos por mulheres, com uma média de 50 expositores. O coletivo tem uma preocupação com os expositores: que eles possam empreender de forma séria, pois, devido aos eventos ligados ao coletivo, estão surgindo microempreendedores com o foco de investimento na feira. No vídeo, Taya explica sobre a preocupação na formação dessas pessoas por meio de cursos que são frutos de parcerias.

A partir da feira, a Gambiarra se organizou com a Festa Batekoo, e realizou em parceria (Batekoo e Gambiarra) festas no mesmo local onde ocorriam as feiras.

Com o tempo, o coletivo estava organizando sua própria festa, e já possui um público próprio que curte os eventos do coletivo. Enfim, o Gambiarra surge de uma demanda de cultura, lazer e empreendimento; tornou-se um evento de ocupação das ruas e tem previsão de se expandir para outros locais da região da Baixada.

Além das informações acima, sobre a *youtuber* Taya, acho importante destacar a forma pelo qual ela lida com as questões sobre o seu corpo e identidade racial. A mesma discute sobre “democracia racial”, sobre como no Brasil haveria uma escala em relação à cor dos negros, a pigmentocracia racial. Ela destaca que “...meninas negras claras se embranquecem com mais facilidade...”, pois assim elas conseguem participar de grupos majoritariamente brancos, o que ela chama em seu vídeo de “passabilidade branca”.

Ela diz que isso acontece, no Brasil, devido ao fato de o negro ser vítima de racismo o tempo todo, preso injustamente e até morto pela polícia; assim ninguém quer ser negro neste país. Ainda destaca os estereótipos que estão rotulando as mulheres pretas no Brasil, como “preta barraqueira” e “gostosa globeleza”. Quando a mulher negra é representada na mídia, ela é a escrava ou a empregada; a *youtuber* questiona como os indivíduos podem desejar ser negros em um país como este.

A imagem negativa construída sobre o negro no Brasil seria fruto de anos de escravidão, por isso ela destaca a importância da existência de um trabalho de “empoderamento” e identificação racial”, um processo árduo e longo, segundo ela. Taya diz, em seu vídeo, que demorou muitos anos para compreender que era negra:

... doía em mim, saber que o meu corpo, só por ele ser desse jeito, só por eu ter um corpo mais violão, um bunda grande e tudo mais... que eu vou ser estereotipada negativamente ao lado de uma menina branca e magra!! Isso me doía demais... porém, o Brasil te mostra o tempo, só quem vive sabe!!! O que acontece é que o nosso racismo é velado...²⁶

Taya pontua, por meio das observações das meninas (negras), que elas percebem que as coisas são diferentes para elas, devido ao fato de serem negras. Em sua fala, ela diz o quanto é importante a representatividade, pois esta influencia diretamente no processo de autoaceitação e identificação racial. Afirma a importância de se possuir referências como a cantora e *popstar* norte-americana Beyoncé, pois em suas músicas ela exalta o cabelo crespo de sua filha,²⁷ e isso é importante para a aceitação de outras mulheres. Para ela, é necessário que a mídia

²⁶ TAYA. **Identificação Racial**. 28 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=066gGzMKCd8&t=19s>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

²⁷ Música Lemonade. O trecho ao qual ela faz referência ao cabelo da filha: “I like my baby heir with baby hair and afros...”

não objetifique o corpo negro, que sempre ganha destaque quando nu, pois o negro quer ser visto como pessoa, e não um corpo estereotipado.

Seu canal possui muitos vídeos sobre penteados e tranças relacionados ao cabelo, dos quais destaco o vídeo intitulado “Transição e o Verão”, no qual ela fala sobre transição capilar, cabelo natural e verão, e de como essas questões são carregadas de sentimentos para mulheres e meninas que passam por esse processo. Ela destaca como é viver o verão com o cabelo natural, e relata que está no seu segundo verão com o cabelo natural (2017) e como é bom mergulhar com o cabelo natural sem se preocupar em saber como o cabelo irá ficar após o mergulho.

Ela descreve que é muito bom se jogar de cabeça na água sem se preocupar com a “chapinha”²⁸ que irá precisar fazer após a piscina ou praia. Quando ela possuía o cabelo quimicamente tratado, o verão se tornava horrível, pois ela tinha diversos questionamentos sobre como manteria o seu cabelo intacto e seco, sem suor e água. Ela reflete sobre como se privou de viver momentos de viagem devido ao cabelo, pois para ela era uma angústia a preocupação com a raiz do cabelo que cresceu, a progressiva e a manutenção da “chapinha”.

Ainda nesse vídeo, após o seu relato sobre como era viver com o cabelo quimicamente tratado e agora com o cabelo natural durante o verão, ela destaca que o intuito dela não é impor uma “ditadura do cabelo natural”. Ela diz compreender que algumas meninas convivem muito bem com os seus quimicamente tratados, mas que para ela foi um alívio ter o seu cabelo natural. Taya acredita que todas as meninas um dia irão encontrar a naturalidade de seus cabelos, e, se um dia ela quiser ficar com o cabelo liso, há recursos para isso, como “laces”²⁹ que podem auxiliar para esse efeito sem precisar alisar os cabelos.

Em seu vídeo “Tour pelo corpo – distúrbios alimentares”³⁰, por meio da hashtag #TOURPELOMEUCORPO,³¹ ela descreve como é a sua relação com o seu

²⁸ Chapinha é uma ferramenta utilizada para alterar a estrutura do fio (alisar) por meio do calor.

²⁹ *Lace Wigs* são perucas, mas com uma característica especial que é possuir uma tela interna que simula o couro cabeludo, no qual os fios de cabelo são costurados um a um. O resultado disso é uma peruca com um efeito mais natural do que as tradicionais. O nome *Lace Wig* vem do inglês, onde *lace* significa tela e *wig*, peruca. Ou seja, é uma peruca com tela. Cf. O QUE É uma lace wig? Sem data. Disponível em: <<http://www.tresscabelos.com.br/lace-wigs-nova-geracao-de-perucas-tendencia-entrefamosas/index.php>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

³⁰ TAYA. Tour pelo meu corpo – como superei distúrbios alimentares. 25 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6cNf1eTS-Es>>. Acesso em: 6 ago. 2018. O vídeo possui cerca de 16.000 visualizações no YouTube.

³¹ Criada pela *youtuber* Luísa Junqueira, do canal Tá, Querida. A mesma convoca diversas *youtubers* para realizarem vídeos que descrevam a relação com seus corpos, e demonstrar seus “corpos reais”, sem modificações realizadas com Photoshop.

corpo. Ela inicia sua fala neste vídeo destacando as suas angústias; relata “ter colocado corpo muito cedo” e diz que isso fez com que ela perdesse a própria

infância. Ela diz que isso fez com que ela ficasse mais reclusa, pois se achava “vulgar” devido às curvas do seu corpo. Ainda pontua como o racismo fez com que ela odiasse o seu próprio corpo; ela queria se embranquecer o máximo possível, ela queria ser “loira, branca, caucasiana, magra, magérrima, tábua”.

Taya sinaliza que queria ser modelo (“tipo Gisele Bündchen”, a modelo brasileira), e afirma que no período de sua adolescência os ícones referenciais de beleza eram: Kelly Key³², Britney Spears³³ e Christina Aguilera³⁴ entre outras:

... só loiras, magra, loira e magra, loira e magra!! E a gente quer ser o que? Loira e magra!! E isso embaralhou a minha cabeça, isso fez com que aos 16 anos eu tivesse um princípio de anorexia. Eu não comia, eu só aceitava comer frutas, verduras e água! Com o tempo fui ficando tão magra, que as pessoas me perguntavam na escola, se eu estava doente...³⁵

Ela conta que esse processo de cura da anorexia foi longo e que voltou a comer devido às horas passadas na faculdade – o stress a teria levado a comer normalmente de novo. Em seguida, ela demonstra no vídeo o seu corpo, vestindo uma *lingerie* que desenhou e modelou para Korova,³⁶ e diz que é a primeira vez que ela fotografa e aparece assim nas redes sociais.

O vídeo inicia um *tour* pelo seu corpo. Ela direciona a câmera, primeiro, para os seus seios, e comenta como é crescer na geração silicone, na qual peitos pequenos são um problema. Diz que Rihanna³⁷ a salvou e a fez “acreditar que peitos pequenos é vida”. Durante o momento do *tour* pelo corpo, a câmera do vídeo fixa na parte do corpo no qual ela quer enfatizar as informações.

Em seguida, ela apresenta a barriga, e diz como que ela era insatisfeita com essa parte do seu corpo. Destaca, mais uma vez, que na “geração 2000” (na qual ela cresceu), a moda era andar com a barriga de fora. Ela diz que sua barriga sempre foi

³² Cantora e compositora brasileira de música pop que fez muito sucesso nos anos 2000.

³³ Cantora, compositora, atriz e dançarina norte-americana que produziu grandes sucessos do pop mundial nos anos 2000.

³⁴ Cantora, compositora e atriz norte americana de música pop nos anos 2000.

³⁵ TAYA, Tour pelo meu corpo..., op. cit.

³⁶ Criada em 2004, em Florianópolis, a Korova foi pioneira do comércio online no Brasil e se tornou um dos principais nomes do *urbanwear* nacional. Com amplo mix de produtos, preços justos e alta qualidade de confecção, a empresa busca oferecer ao consumidor “uma experiência democrática e transparente”. A cadeia produtiva é 100% brasileira, limpa e verticalizada, e a empresa diz se importar com questões de consciência (política, social, ambiental) e representatividade. Disponível em: <<https://korova.com.br/sobre-nos/>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

³⁷ Cantora, atriz, modelo e empresária caribenha (Barbados) de grande sucesso no cenário pop mundial.

dura, porém sempre teve uma “exuberância” (ela fala isso passando a mão na barriga, enfatizando a parte mais alta). Taya diz que possuía muita “raiva” de sua barriga; porém, ao pesquisar melhor sobre corpos de mulheres negras da “tribo hotentote”, ela identificou o seu biótipo com características similares, como:

“bumbum maior”, “barriga avantajadinha” e “peitos menores”. Ainda ressalta que ela odiava o seu umbigo, pois ela achava que todos olhavam para ele quando ia para piscina, já que ele é fruto de intervenção cirúrgica (hérnia umbilical).

A câmera desce em direção às coxas. Ela diz que a única parte ruim é o fato de as mesmas “roçarem” e formar assaduras; em seguida, fala sobre a virilha, que se apresenta no vídeo com pelos. Ela afirma que, enquanto mulher adulta, possui pelos e não vê nenhum problema com isso – ao contrário, vê os pelos como uma normalidade de seu corpo. Taya fala sobre sua bunda e afirma que é grande, possui celulites e algumas estrias, e diz que as manchas lhe incomodam. Esse vídeo é uma forma de contar como a história que está escrita em seu corpo contribuiu para a aceitação de si mesma.

No vídeo “Minhas Referências e Estilo de Moda Atuais”, ela destaca a importância de estar atenta para a sua identidade e diz que a pessoa acaba sendo moldada pelos diferentes estilos com os quais tem contato. Ela ressalta que, quando mais nova, tinha como referências Avril Lavigne e Amy Lee,³⁸ todas loiras, brancas, com cabelos lisos e olhos azuis.

Eram referências que possuíam outros corpos, e logo o que elas usavam não ficavam bem nela, e daí ela começou a entender essa dicotomia. Desse momento em diante, ela obteve algumas “crises de identidade e pessoais”, e passou a compreender que ela era uma mulher negra e que possuía um corpo, um cabelo e uma cultura diferentes, e que não era por esse caminho que ela devia seguir:

... ao mesmo tempo, eu ficava pensando: Poxa, ok. Beleza! Entendo que sou uma mulher negra, mas pô... não quero ficar, sabe, usando roupa e mesmo estilo dessas meninas negras que vão para escola de samba, porque eu não gosto!...³⁹

A partir daí, ela relata que fez pesquisa na internet sobre diversos estilos, e como ela, “garota alternativa, roqueira, maluca, iria se entender nesse corpo negro”. Durante sua pesquisa, ela conheceu o AfroPunk⁴⁰ e se identificou com o movimento,

³⁸ Ambas são cantoras do cenário de pop-rock.

³⁹ TAYA. **Minhas Referências e Estilo de Moda Atuais**. 30 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CrDOXNqb6hA>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

⁴⁰ Afro-punk ou Afropunk refere-se à participação de negros no cenário punk e alternativo. O movimento é minoria na cultura punk americana, mas não se pode negar a sua grandeza em muitas partes do mundo

e passou a entender “sobre cabelo, tipos de tranças e dreads”. Ela encontrou referências, o que a fez reconhecer seu estilo como uma parte dela e de sua identidade.

Daí, ela passa a compreender que seu estilo não era uma “reprodução” do que as “*it-girls*” utilizavam. Nessa época, ela se interessou por blogs e passou a pesquisar alguns, como “Garotas Estúpidas”, “Just Lia” e “Depois dos Quinze”, entre outros⁴¹. Taya diz que tais blogueiras eram muito “bregas” e que faziam o estilo “menininha, recatada e do lar”, com roupas que eram da moda na época: *blazers*, saias rodadas, sapatilhas e sapatos de salto alto.

Taya – que deveria estar com cerca de 18 ou 19 anos⁴² – entendia que precisava ser uma mulher e deixar aquelas roupas de adolescente, e que talvez essas roupas lhe conferissem esse status. Ela diz que usava *megahair*⁴³ e que andava como uma “patricinha ridícula”, e nesse ponto ela passa a ter outras crises de identidade. E mais, que ela estava dentro de um padrão, o que a leva a passar por uma nova mudança de estilo por volta dos 20/21 anos.

Nesse período, ela adota um visual mais “*street*”⁴⁵, próximo do que utiliza atualmente, e se depara com o seu cabelo liso e percebe que ele não tinha nada a ver com ela. Em seguida, cortou o cabelo, pois ela diz que olhou para o espelho e pensou que “esse cabelo liso não tinha mais nada a ver” com a imagem que ela procurava externar. De 2015 em diante, ela cortou o cabelo, entrou em transição e passou a absorver o que ela gostava e que “enaltecia” sua beleza.

Taya procurou por referências de mulheres negras que a inspirassem, e nesse vídeo ela traz o relato de algumas mulheres que compõem o seu estilo:

... falar em corpo é fundamental, nós podemos usar todos os tipos de roupa e sapato que quisermos. Sendo gorda, magra, enfim podemos! Porém, você sabendo o seu biótipo, entendendo... você entendendo o seu corpo, é muito mais fácil você saber o que vai ficar legal em você...⁴⁴

como em regiões da África, o que faz dos Afropunks uma referência cultural, musical e comportamental. Cf: GELEDES. O que é afropunk? 2 maio 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-que-e-afropunk/>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

⁴¹ Taya ressalta que todas essas meninas eram brancas e magras da zona sul paulista ou da zona sul carioca.

⁴² Taya não afirma a sua idade exata, mas acredito que esse período se refere aos anos entre 2012 e 2013.

⁴³ *Megahair* é um termo utilizado para se referir à extensão dos cabelos com fios sintéticos ou naturais.

⁴⁵ *Street* é um estilo de moda que surge nas ruas, com um ar mais despojado, como o estilo de *rappers*, hip hop.

⁴⁴ TAYA. Minhas referências e estilo de moda atuais..., op. cit.

Ela fala que o primeiro passo para procurar referências era encontrar pessoas com o corpo parecido com o dela: Kim Kardashian⁴⁵, Nick Minaj⁴⁶, Rihanna, Beyoncé⁴⁷, Solange Knowles⁴⁸, Magá Moura⁵¹, Luiza Brasil⁵²... entre outros. Começou a procurar o que essas celebridades usavam no cotidiano e em festas, daí foi começando a “filtrar” o que ela gostava, para comprar ou fazer similar. Ela finaliza o vídeo falando que segue diversos “*stylists* da vida”, de famosas como Mc Carol, Ludmilla, Karol Conka. Ela diz que segue os *stylists* de todas as “pretas *baphos*”, porque eles mostram como criam para essas mulheres.

A maioria dos vídeos de Taya são gravados com o mesmo painel de fundo, que parece ser artesanal, com triângulos feitos de emborrachados com *glitter* pendurados em *nylon*, nas cores em tons pastéis que compõem o fundo do cenário como móveis. No início do vídeo, ela saúda os seus “seguidores” com a expressão: “Olá, Monas, e aí? Como é que vocês estão? Está começando mais um vídeo do canal da Taya!”. Dessa forma, ela inicia a sua abordagem no canal, e assim apresenta a pauta dos seus vídeos, que incluem tópicos variados sobre a inserção da mulher negra na sociedade. Abaixo segue uma lista dos dez vídeos mais populares do canal:

- “Colorismo ou pigmentocracia: EUA & BR”, com cerca de 19 mil visualizações;
- “A diferença de pressão estética e gordofobia com Luiza Junquerida” (Canal “Tá Querida”), com aproximadamente 19.000 visualizações;
- “Como cortar a franja no cabelo cacheado em casa”, com 17 mil visualizações;
- “Tour pelo meu corpo: Como superei distúrbios alimentares”, com 15 mil visualizações;
- “Como eu finalizo meu cabelo e minha franja”, com 15 mil visualizações;
- “Minhas referências de estilo e moda atuais”, com 13 mil visualizações;
- “Dy – Fantasia de unicórnio”, com 12 mil visualizações;
- “Ano Novo, Cabelo Novo (Mudança Radical)”, com 7,5 mil visualizações;
- “PQ não uso sutiã”, com 6,7mil visualizações;
- “Vamos Falar de Vai Malandra”, com 6,6 mil visualizações.

⁴⁵ Kim Kardashian é uma celebridade norte-americana, apresentadora e produtora.

⁴⁶ Rapper, cantora e compositora caribenha e naturalizada norte-americana.

⁴⁷ Cantora, compositora, atriz e empresária norte-americana dentro do cenário pop mundial.

⁴⁸ Cantora e compositora, e conhecida como ícone de moda devido à sofisticação de seus looks. ⁵¹ Influenciadora digital negra e brasileira, com blog (magamoura.com) e perfil no Instagram (@magavilhas).

2.2 Canal Rosajorosa

O canal Rosajorosa, criado em 2010 por Rosângela José, moradora de Duque de Caxias (RJ), possui cerca de 35 mil inscritos no canal e mais de 4.520.000 visualizações. A *youtuber* define o seu próprio canal como um lugar

⁵² Luiza Brasil é “madrinha de moda de Taya”. É uma influenciadora digital negra e possui blog (mequetrefismos.com) e página no instagram (@mequetrefismos). sobre “estética negra” e “empoderamento” da mulher negra, onde ela fornece dicas de maquiagem, cuidados com os cabelos e autoestima.

O canal possui mais de 400 vídeos sobre “estética negra” e “empoderamento da mulher negra⁴⁹”. Ao abrir o canal, há um vídeo em destaque, intitulado “As Possibilidades”, em que ela apresenta seu cabelo com diversas técnicas de texturização e finalizações. Mostrando a variedade de estilizações possíveis no cabelo crespo, esse vídeo obteve 9.401 visualizações. Essa primeira página apresenta o nome de sua marca, “Negra Rosa”, e links para as outras redes sociais como Instagram, Facebook e blog, além do acesso à loja virtual da marca.

Entre os mais de 400 vídeos do canal, selecionei alguns que demonstrassem um pouco a sua jornada dos últimos oito anos como *youtuber*. Destaquei vídeos sobre práticas capilares, relação da estética e “aceitação”⁵⁰ e o seu início como afro-empREENDEDORA de cosméticos direcionados para mulheres negras.

Seu primeiro vídeo postado no *YouTube* foi no dia 10 de setembro de 2010, com o título “*Make* que uso para trabalhar”, com duração de nove minutos e trinta e seis segundos (9’36”); tal vídeo, datado de 16 de abril de 2017, obteve 864 visualizações e 15 *likes*. O vídeo recebeu 6 comentários, a maioria com elogios à “*Youtuber*”.

O seu primeiro vídeo começa com uma saudação ao público – “Oi, meninas” –, e diz que ela está de volta com uma dica de maquiagem para o trabalho.⁵¹ Ela se apresenta sem nenhuma maquiagem, e o espaço no qual realiza a gravação parece ser um banheiro. Ela segue falando sobre a preferência em dormir um pouco mais do que fazer uma maquiagem, e, por isso, afirma que a *make* será rápida, e vibra com isso dizendo que o vídeo será curto.

⁴⁹ Negra Rosa, na parte de descrição do canal no *YouTube*, diz que seu canal é “sobre estética negra e empoderamento da mulher negra”.

⁵⁰ Aceitação é um termo utilizado quando nos referimos ao reconhecimento da textura crespa do fio e da cor pele.

⁵¹ Durante sua fala, Negra Rosa deixa subentendido que há um vídeo anterior a esse, porém no *YouTube* esse está constando como o primeiro vídeo publicado.

Rosângela inicia o vídeo explicando quais são os cuidados que ela tem com a pele antes da maquiagem, como o uso de sabonete para acne e de protetor solar. Em seguida, ela mostra na câmera o pó da MAC Mineralize na cor *dark*, e passa o pó com o auxílio de um pincel. Durante o processo, ela conversa com o seu público sobre o fato de gostar de dormir, e por isso não “rola” de gastar muito tempo com a maquiagem, já que ela ainda tem que cuidar do cabelo para ir trabalhar. Segundo ela, o cabelo “gasta um tempo considerável”, e a base só é utilizada em sua pele quando ela está com muita disposição. Negra Rosa enfatiza que trabalha longe de

casa, e chama a atenção de seu público para que percebam como a pele dela está uniforme com o uso do pó.

Novamente ela mostra o pó, e diz o quanto ele é maravilhoso; em seguida, indica o corretivo que irá usar, o qual parece ser da mesma marca, e passa com os dedos na região abaixo dos olhos, nas pálpebras. Enquanto ela passa o corretivo, enfatiza que está fazendo o mesmo procedimento de antes de trabalhar, muito rápido. Em seguida, ela ajeita as sobrancelhas com os dedos, e apresenta no vídeo uma paleta de sombra “maravilhosa”, com cerca de 80 cores. Ela destaca as cores com tons terrosos, pega o pincel e passa uma cor “indefinida”, um misto de marrom com preto.

O pincel que ela utiliza é da marca de cosméticos Avon. Segundo ela, o pincel é muito bom, e pode ser utilizado para diversas coisas, como aplicação da sombra e esfumado. Enquanto ela passa a sombra, é possível ouvir uma música abafada no fundo (não sei se é proposital ou som externo). Ela limpa o pincel rapidamente e o passa em outra cor de sombra (“marrom com brilhinho”), e em seguida a aplica no centro da pálpebra móvel. Após a sombra, ela aplica a máscara para os cílios da marca Natura.

Enquanto aplica o rímel, ela diz que já possui os cílios curvados e o que ela deseja ao aplicar a máscara de cílios é obter mais volume. Aplica o rímel de cima para baixo nos cílios superiores várias vezes, e depois nos cílios inferiores. Após a aplicação do rímel, ela destaca um lápis champanhe de sua preferência (diz gostar muito, não consegui entender nome da marca) e aplica na linha d’água dos olhos. Depois ela apresenta para as “meninas” o *blush* Doce Vita da marca Nars, coloca um pouco do produto no dedo e o direciona na câmera, para destacar a cor do *blush*.

Simulando um sorriso, ela aplica o *blush* nas maçãs do rosto, e finaliza a maquiagem com o batom. Ela apresenta dois: o Capuccino e Frozen, da Koloss. Opta pelo Frozen, que possui um tom rosado com cintilante, descrito pela *youtuber* como um tom discreto. No término da maquiagem, ela se aproxima algumas vezes da

câmera, para que os espectadores possam ver com mais detalhes a maquiagem. E se despede, mandando um “beijão” e dando tchau.

Em outro vídeo, postado no dia 11 de setembro de 2010, ela tratou pela primeira vez sobre técnica capilar, com o título “Cabelo Afro”. O vídeo tem a duração de cinco minutos e cinco segundos, visualizado na data de 16 de abril de 2017, e recebeu 9.940 visualizações, 77 likes⁵² e 1 unlike. Esse vídeo possui 21 comentários, que variam de elogios a pedidos de dicas de cuidado com o cabelo e

de como assumir o cabelo natural. A *youtuber* responde a quase todos os comentários.

Ela inicia com “Oi, pessoas”⁵³, e diz que o vídeo é sobre os cuidados que ela possui com o cabelo. Ela se apresenta com o cabelo extremamente molhado, e por isso está com uma toalha envolvendo o seu pescoço. O vídeo parece ter sido gravado em um banheiro. Ela demonstra a diferença de uma parte do cabelo que está com o creme e a outra parte que ainda não recebeu a aplicação.

Na palma de sua mão, ela aplica o creme Bafáfá, da Natura, e vai separando o cabelo com as mãos e enluvando⁵⁴ os fios com bastante creme, da raiz até as pontas. Enquanto realiza esse processo, ela fala sobre a não necessidade de utilizar o pente em seu cabelo, e continua separando-o em mais uma camada, prendendo o restante com duas presilhas. Ela aplica novamente o cabelo e destaca o desembaraçar do mesmo com os dedos.

Ela dá uma pausa no vídeo, e quando retorna já realizou o processo em toda a extensão do cabelo. Este ainda está com as pontas brancas, devido à grande quantidade de creme, e por isso ela espera o cabelo secar ao natural ou seca o cabelo com o auxílio do difusor⁵⁵.

Desta vez, ela escolhe o uso do difusor, novamente faz uma pausa e quando retorna o cabelo está totalmente seco e com uma presilha de flor prendendo a lateral direita. Utiliza o secador por volta de cinco minutos para secar o creme, e ela mostra na câmera o difusor e como o utilizou. Apesar de o cabelo ainda estar úmido, ela diz utilizar o secador para não sair na rua com o cabelo branco de creme.

⁵² Likes e unlikes se referem às curtidas dos vídeos, uma forma de mensurar se gostaram do vídeo.

⁵³ “Oi, pessoas”, torna-se a sua saudação inicial em todos os seus vídeos, uma espécie de marca dos vídeos da Negra Rosa.

⁵⁴ Enluvar é o procedimento de passar o creme de massagem na mecha do cabelo, repetindo o movimento da raiz às pontas do cabelos. Desta forma é potencializada a ação do tratamento capilar, obtendo mais definição ao cabelo.

⁵⁵ Difusor é um acessório acoplado na ponta do secador que auxilia na secagem dos fios e na definição e volume dos cachos, por meio da distribuição do calor homogêneo em toda extensão do fio.

Ela se aproxima da câmera para mostrar os cachinhos dos cabelos, e mostra que puxa o cabelo com a mão para deixá-lo mais alto, com mais volume. O vídeo vai chegando ao fim, e ela diz que o seu cabelo parece uma “lãzinha”, segundo algumas amigas. Por fim, dedica o vídeo para a Barbie, e diz que às vezes pode ter alguém assistindo ao vídeo com o seu cabelo indefinido, e sugere que a pessoa corte o cabelo. Ela diz apoiar esta decisão, de iniciar a transição capilar e realizar o BC, e se despede.

Destaco o vídeo, publicado em 20 de agosto de 2015, com participação especial de Quell Alves, intitulado “Bate papo textura com Quell Alves”. O vídeo

com a duração de 27 minutos e 31 segundos, visualizado no dia 15/05/2017 teve 3.381 visualizações, 219 *likes* e 3 *unlikes*. O vídeo recebeu 35 comentários desde a data da postagem até os últimos sete meses.

O vídeo, com a participação de Quell Alves⁵⁶, foi gravado na praia, por isso possui muitos ruídos. Elas iniciam falando sobre morarem perto e o fato de nunca se esbarrarem no local em que moram⁵⁷. Explicam sobre o objetivo do vídeo: ser um bate-papo informal sobre as texturas do cabelo crespo. Elas destacam a confusão sobre o cabelo 4C. Segundo Negra Rosa, muitas meninas que não têm essa textura capilar pensam tê-la, e isso gera confusão. Ela explica que o cabelo 4c é, de acordo com a tabela que classifica o cabelo, o que não possui definição, e exemplifica dizendo que o próprio cabelo não é 4c, mas as finalizações que ela utiliza fazem com que o cabelo tenha aparência dessa textura.⁵⁸

Segundo Negra Rosa, não é necessário se encaixar em uma tabela classificatória. O essencial é saber se o cabelo está ressecado ou poroso e qual o tipo de fio, para saber melhor sobre quais produtos utilizar. Quell Alves vê a tabela com bons olhos, pois, segundo ela, a mesma ajuda no melhor conhecimento do próprio cabelo. O problema, para Quell, é que as pessoas estão hierarquizando as texturas⁵⁹, como se os cabelos que formam cachos fossem os mais bonitos, em detrimento dos demais.

⁵⁶ *Youtuber* do canal Preta do Quilombo.

⁵⁷ É muito comum a parcerias de *youtubers*, eles fazem participação em vídeos de canais similares e desta forma replicam o conteúdo e ganham maior visibilidade de seus vídeos.

⁵⁸ A técnica *blow out* é uma finalização que dá volume ao cabelo crespo com o auxílio do secador, deixando o cabelo sem nenhum cacho, sem definição. É uma das diversas técnicas capazes de estilizar e modificar as texturas do cabelo crespo e cacheado.

⁵⁹ Há uma tabela (Tabela de Classificação Capilar Andre Walker) que classifica as curvaturas desde o cabelo cacheado ao cabelo mais crespo, que é utilizada para a indicação de produtos para o cuidado com o cabelo. Porém segundo as *youtubers* as pessoas utilizam desta nomenclatura para classificar e hierarquizar os cabelos mais cacheados e que formam crespos como uma espécie de padrão de beleza dentro do universo de cabelos crespos.

Quell destaca que a tabela ajuda a entender quais são os melhores produtos para o seu cabelo (xampus sem sulfato, parafina na composição dos produtos⁶⁰). Ela diz que o seu cabelo é muito oleoso, e que a tabela a ajudou muito a compreender sobre os produtos adequados. Segundo ela, muitas pessoas falam que o próprio cabelo é “4z”⁶¹, e a *youtuber* destaca o cabelo de uma amiga que possui o cabelo 4c igual ao dela, só que possui mais facilidade para formar cachos.

Negra Rosa diz que seu cabelo é extremamente seco e que ela necessita de produtos oleosos para hidratá-lo, diferentemente do cabelo de Quell Alves, que

possui o cabelo muito oleoso. Ela chama a atenção para a variedade existente de cabelos 4c. A tabela ajuda a entender os produtos para cabelos específicos, mas, para ela, o que define o cabelo é o “DNA”, por isso o cabelo de cada pessoa é único.

Destaca que nem todo cabelo 4c é seco ou não forma cachos; segundo ela, isso varia de pessoa para pessoa. Ainda sobre a tabela de classificação capilar, ela diz que, por conta de sua origem norte-americana, ela foge do perfil miscigenado do Brasil; e acrescenta que o cabeleireiro elaborou a tabela direcionado para o uso da química em cabelos crespos e cacheados.

Negra Rosa diz que é necessário conhecer, observar, tocar e olhar o seu cabelo para entender as suas necessidades. Ela diz que o seu cabelo possui fios extremamente finos, que quebram com facilidade. Nesse ponto, ela mostra como a tabela gera opiniões entre mulheres com cabelos crespos e cacheados.

Ela diz que muitas mulheres querem cachos em seus cabelos, e entende que isso é uma questão de proximidade com um padrão aceito na sociedade:

... tá mais próximo do padrão aceito, a gente tá com o cabelo natural, mas você quer está mais próximo do que é considerado bonito, e o cacheado é mais próximo do liso das feições, do jeito, daquelas coisas “Oh, cabelo cacheado”! Eu vejo como isso, tem que ter a aceitação do seu cabelo realmente. Ih, não, vou ficar com o cabelo assim porque o meu cabelo vai ter cacho, e se não tiver?! Tem que pensar muito, eu vejo muito essa coisa de desespero pelo cacho, porque o cacho é considerado bonito, o crespo ainda não é considerado bonito...⁶²

Ela acrescenta que se a pessoa ainda está com a “fixação pelo cacho”, é porque ainda não conseguiu desconstruir que o crespo também pode ser bonito.

⁶⁰ Refere-se às técnicas *no/low pow*, que optam por produtos que possuem composições específicas para os cuidados com os fios.

⁶¹ “4z” seria uma forma de classificar o cabelo como se fosse muito crespo, para aquele que não forma cachos.

⁶² NEGRA ROSA. **Bate Papo Textura – com Quell Alves**. 20 ago. 2015. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=H_GQ6mx1ojA> Acesso em: 4 fev. 2017. ⁶⁷

Twist é uma texturização no entrelaçamento de duas mechas do cabelo.

Relata que o crespo permite tantas possibilidades de mudança que o cabelo crespo proporciona esteticamente. E mesmo que a pessoa faça alguma texturização, o cabelo crespo não deixa de ser crespo, você pode fazer “um *twist*⁶⁷ e o cabelo continua sendo de preto”. O cabelo crespo pode ser texturizado de diferentes formas, e nunca será visto como um cabelo liso. A sua textura permanece.

Quell Alves questiona Rosângela sobre as perguntas em sua página a respeito de como formar cachos, pois muitas meninas dizem que o seu “cabelo é muito duro”. Negra Rosa diz que a palavra “duro” a deixa extremamente nervosa, e Quell acrescenta o quanto é doloroso ouvir isso de uma menina. Ambas concordam que é necessário desconstruir o que foi ensinado desde pequena:

... conheça o seu próprio cabelo, dê uma chance para ele se mostrar para você! Você está achando que o seu cabelo está muito duro, como muitas meninas costumam falar “grudado no couro cabeludo”, não sai... principalmente se você estiver no início, requer muita paciência, você está lidando com o desconhecido, você não cresceu cuidando do seu cabelo, você cresceu “chapeando”, alisando e enfim...⁶³

Rosângela diz que o cabelo não é crespo, que ele é um cabelo crespo que possui características diferentes, e que é necessário aprender a cuidar dele. Durante a transição capilar, as mulheres estão lidando com o cabelo com duas texturas; apenas após o corte é que se inicia o cuidado com “um novo ser”, o cabelo natural.

Ela critica os *days after*,⁶⁴ pois diversas mulheres querem obter dez dias de *days after*, e a *youtuber* diz que é difícil manter o cabelo igual por tantos dias. Ressalta que o seu cabelo não irá ficar com o mesmo efeito da blogueira, pois o seu cabelo é único, e “quando você compreender isso, sua vida irá mudar”.

Quell Alves e Negra Rosa relatam que a passagem pela transição capilar foi tranquila, e que viver cada experiência com o seu cabelo foi maravilhoso. Porém, elas relatam que compreendem que muitas mulheres não possuem um ambiente acolhedor durante a transição e recebem muitas críticas, graças à não aceitação do cabelo crespo como belo.

Elas destacam novamente que é necessário conhecer o seu cabelo: não é em dois meses após o corte que a pessoa irá conhecê-lo. É necessário observar as características, quais cremes se adequam ao seu cabelo. Negra Rosa diz que “é necessário aceitar e querer conhecer o seu próprio cabelo”, e não ficar tentando

⁶³ NEGRA ROSA. **Bate Papo Textura – com Quell Alves e Negra Rosa**, op. cit.

⁶⁴ *Day after* corresponde ao período entre uma lavagem e outra, é a permanência do efeito da finalização do cabelo por vários dias, e isso varia de acordo com o tipo de cabelo, finalização e manutenção das técnicas de texturização. ⁷⁰ Atrizes negras brasileiras.

encaixar o seu cabelo dentro do padrão, como os cabelos da Sheron Menezes e Taís Araújo.⁷⁰

“Conhecer o seu cabelo é conhecer você”, diz Negra Rosa, e isso passa por conhecer o seu corpo: “se você achar necessidade retornar para química, você pode voltar”. Destaca que não há uma ditadura do cabelo natural, pois, segundo ela, a maioria das mulheres negras ainda possui cabelo quimicamente tratado. Ela diz estar cercada por pessoas com cabelos com químicas, e em alguns lugares ela é a única a estar com o cabelo natural, por isso ela não acredita que exista uma ditadura do cabelo natural:

... não é a pessoa que usa o cabelo quimicamente tratado, os outros falarem que ela é menos negra; não é nada, isso são pessoas, que gente, não valem a pena serem ouvidas, isso é a verdade. Acho que cada um tem o direito sim, o uso do cabelo natural é uma bandeira, é! É uma bandeira para mostrar que o nosso cabelo, sim, é bonito sem precisar de químicas, de estar dentro de um padrão que foi imposto lá atrás para gente. É uma forma de quebrar isso, e agora, não quer dizer que quem usa é menos negra, ou menos isso...⁶⁵

Elas continuam comentando sobre não ser possível existir a ditadura do cabelo natural. Quell Alves destaca com mais ênfase que isso seria igual ao racismo reverso: não existe. Ela destaca que as pessoas estão defendendo a chance de cultivo do cabelo natural, para você aprender a cuidar do seu cabelo, isso é uma forma de apoiar uma à outra. Ambas concordam que isso é um incentivo, e que talvez os diversos encontros e grupos existentes existem para tirar as pessoas do lugar de isolamento com o seu cabelo crespo, durante e após o período de transição.

Para Negra Rosa, esses encontros são uma espécie de fortalecimento para as “porradas” do cotidiano, as piadas no ônibus, no trabalho e em casa; e assim essas piadas minam a autoestima e a força de vontade para alcançar o cabelo natural. Os encontros são um espaço de troca para pessoas que estão vivendo as mesmas questões, e para continuarem seguindo.

Neste bate-papo, Quell Alves acrescenta que é importante não se iludir com o cabelo durante a transição capilar, pois, enquanto não for realizado o corte da parte quimicamente tratada, não há como conhecer a real textura do cabelo. Ela diz que é necessário ter paciência, e indica que quanto antes cortar o cabelo é melhor, não adianta ter medo do cabelo curto.

⁶⁵ NEGRA ROSA. **Bate Papo Textura – com Quell Alves e Negra Rosa**, op. cit.

Elas retornam ao ponto de ter necessidade de conhecer o cabelo, que é necessário ter paciência, “curtir” o cabelo curto e cada fase do crescimento. Finalizam o vídeo dizendo que o papo foi descontraído e que o intuito era ajudar algumas pessoas que estão com dúvidas sobre essas questões. E que, de forma alguma, é necessário concordar com as opiniões delas. O vídeo fica disponível nos dois canais, e elas se despedem.

Destaco também, na trajetória de Negra Rosa como influenciadora digital, o seu papel enquanto afro-empREENDEDORA⁶⁶. Acho importante ressaltar que a mesma, depois de anos postando vídeos sobre maquiagem e cabelo no YouTube, produziu a sua própria linha de cosméticos direcionado para mulheres negras. No mês de setembro de 2016, foi lançada a marca de batons *semi-mattes* Negra Rosa.

Ela afirma que outras *youtubers*⁶⁷ já estão realizando vídeos sobre a sua marca, e deixa o link de todas abaixo do vídeo, na área de descrição.

Em outro vídeo, intitulado “Batom Negra Rosa”, postado no dia 31 de outubro de 2016, ela faz a primeira postagem no YouTube explicando sobre sua linha de batons. Ela diz que a logo e a marca foram pensadas como muito carinho, e por isso optou por uma caixa mais simples. Ela inicia explicando a escolha desses batons *semi-matte*, escolhidos devido à textura, que facilita a aplicação e a opacidade no efeito do batom. Ela reconhece que há um uso maior dos batons líquidos e *mattes* no setor de cosméticos, mas ela optou pelo *semi-matte* para abranger mais pessoas ao mesmo tempo.

Ela destaca que o *matte* é pensado para meninas mais novas, mas existem mulheres negras de diversas idades e nem todas estão acostumadas com essa textura. Negra Rosa resalta que, na elaboração dos batons, tentou abranger o maior número de mulheres negras satisfeitas com o produto, mesmo se dizendo ciente de que é utópico atender a todas as mulheres.

Continua seu vídeo mostrando a embalagem e o nome do batom que está em sua mão, e alerta sobre o não uso de animais para teste, que o produto possui protocolo da Anvisa⁶⁸ e que está totalmente regularizado.

⁶⁶ Iniciativa de desenvolvimento social e econômico para microempresas ou empreendedores individuais afro-brasileiros.

⁶⁷ Josi Helena (Canal Negra Vaidosa), Quell Alves (Canal Preta do Quilombo), Fernnandah (Criloura), Dani Nicolau, Maristela e Natália (Papo de Preta), Beatriz Andrade e Camila (Dicas da Mag).

⁶⁸ Agência Nacional de Vigilância Sanitária, órgão que regula o controle sanitário da produção e consumo de produtos e de serviços submetidos a vigilância sanitária.



Figura 4: Negra Rosa

Ela apresenta três batons: o Kinah, Badu e o Makena; o primeiro batom que ela descreve é o Kinah (terceiro da esquerda para direita), considerado batom *nude*⁶⁹ para negras por algumas mulheres que o testaram. Negra Rosa ressalta que ele não é um nude que irá atender a variedade de tons da pele negra, mas pensou em atender uma parte dessas mulheres.

... não é para todas as negras, pois a gama de tonalidades de pele negra é grande. Mas quando eu fiz o Kinah, eu pensei nas mulheres com tons de pele mais escuros, mais escuros que o meu. Não pensei em um tom de *nude* para mim, tanto que ele não está um *nude* pra mim (ela aponta para sua boca, mostrando o batom que está usando). Eu realmente pensei, nas mulheres com um tom de pele mais escuro, que às vezes ainda não conseguiram achar aquele batom. O termo *nude*, gente, é aquilo que mais se assemelha ao nada, não ter diferença entre a sua pele e o que você está vestindo... (Batom Negra Rosa - vídeo publicado em 31/10/2016⁷⁰)

⁶⁹ A tonalidade *nude* nos batons é uma forma de realçar o tom natural dos lábios, e transitam entre os tons marrons e rosados.

⁷⁰ NEGRA ROSA. **Batom Negra Rosa**. 31 out. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=f573YoZuBEE&t=12s>>. Acesso em: 14 jan. 2017.



Figura 5: Batons Negra Rosa

Nesse ponto, ela inicia uma discussão sobre os tons de *nudes* disponíveis, e acrescenta que se você é negra o seu *nude* não será bege, rosado. Negra Rosa conta que, no dia do lançamento de seus batons, havia uma mulher com o tom de pele mais escuro que o dela, e o batom ficou *nude*, o que foi emocionante para a *youtuber*.

Ressalta novamente que o seu intuito era pensar nas mulheres que são invisibilizadas pela indústria de cosméticos, as mulheres de pele mais escura/

retinta. Ela destaca a cor marrom no Kinah, relacionando com uma questão afetiva: sua mãe sempre utilizava batom marrom, e por isso ela colocou essa cor na coleção de batom.

Ela queria que todos tivessem nomes africanos, e era necessário que houvesse significados, porém ela diz que a escolha foi difícil. Escolheu os nomes e depois relacionou com cada cor de batom. Ela disse que os nomes africanos⁷¹ possuem muitos significados, e o do Kinah significa “obstinada e empreendedora”. Isso foi fundamental para a escolha, pois se refere ao momento vivido por ela.

Negra Rosa justifica a demora da postagem do vídeo sobre os seus batons, pois ela queria receber o retorno das pessoas que estavam utilizando o produto em relação à durabilidade, textura e aprovação geral. Ela segue com a apresentação do batom Badu, e declara que se inspirou na cor do batom *Ruby Woo*, da MAC, e por isso é um batom impactante. E volta a dizer que o batom ficou “lindo” em mulheres negras de diferentes tonalidades; a escolha do nome deve-se ao significado “poderoso”.

⁷¹ Ela não relata a origem dos nomes de língua africana.

O último batom é o Makena, o “diferentão”, que é um tom de cinza com o fundo azul. Negra Rosa diz que sempre quis ter um batom cinza e, com a marca, ela desenvolveu um que ficasse cinza em mulheres negras com tons mais escuros. Por isso ele é mais escuro e mais fechado, para se adequar à cor dos lábios das mulheres negras e permanecer cinza. Ela pede às mulheres que compraram o batom que marquem o perfil dela nas redes sociais, para que ela possa postar em suas redes como o batom ficou em diferentes mulheres. Aquelas que possuem o tom de pele parecido com ela o batom se assemelha ao grafite, em outras ele fica mais escuro. E, por fim, ela revela o significado do nome deste batom: Makena significa “a feliz”.

Rosângela finaliza o vídeo deixando o link da sua loja virtual, na qual é possível comprar seus batons (www.negrarosaloja.com.br), que são vendidos pelo valor de R\$ 24,90 (verificado em 14/01/2017⁷²); se a pessoa comprar o kit com as três cores, o valor sai por R\$69,90. Finaliza pedindo que as pessoas possam se inscrever no canal e “dar um joinha”⁷³ no vídeo, e acrescenta que, caso o espectador seja morador de Duque de Caxias (RJ) e veja na rua uma senhora distribuindo panfletos da marca, ela é a mãe de Rosângela.⁷⁴

Em abril de 2017, foi a vez do lançamento das “Bases Negra Rosa⁷⁵”, na Praça Seca (zona oeste do município do Rio de Janeiro). O evento contou com a presença de Daniele DaMata⁷⁶ (maquiadora especializada em pele negra), roda de conversa sobre maquiagem e expositores como Boutique de Kriola (venda de turbantes), Colares D’Odarah (colares), Era uma vez o Mundo (bonecas pretas de pano), Afrôbox (clube de assinatura de produtos estéticos para a beleza negra) e Maria Chantal (produção da cultura negra por meio da moda design).

O vídeo, publicado no dia 11 de abril de 2017, foi feito especialmente para mostrar as bases. A *youtuber* inicia o vídeo falando sobre o quanto está emocionada e realizada por conseguir ter a sua própria marca de bases para a pele negra. Segundo ela, desde o primeiro momento em que a marca foi pensada, o foco era a

⁷² Ocorreram reajustes no valor e alguns preços promocionais desde a data do lançamento.

⁷³ Dar um “joinha” significa curtir o vídeo.

⁷⁴ Sua mãe, D. Solimar, entrega panfleto para todas as pretas que ela encontra no calçadão. Negra Rosa conta que sua mãe explica sobre os seus vídeos no YouTube e sua linha de batons durante a pafientagem, e assim é feita a sua propaganda além das redes sociais.

⁷⁵ A Base líquida Negra Rosa possui FPS 15, OilFree, Soft Matte (complexo que ajuda a controlar a oleosidade da pele; hidrata, ilumina e disfarça imperfeições da pele) e possui leve e média cobertura. O produto não é testado em animais e não tem ingredientes de origem animal. Tais informações estão na descrição do vídeo postado em 11 de abril de 2017.

⁷⁶ Daniele Da Mata possui um canal no *YouTube*, chamado Damata Make up, porém o canal possui 19 inscritos e apenas um vídeo publicado. Não há uma rotina de publicação de vídeo.

base, e levou-se cerca de um ano para que o projeto se tornasse realidade. Ela demonstra a base e conta que o evento do lançamento foi emocionante e legal.

Ela inicia o vídeo mostrando a embalagem da base (segundo ela, o "vidro é resistente"), possui *pump*⁷⁷, tem fator proteção solar (UVA e UVB), "pois pessoas negras também precisam de cuidados com a pele". Segundo Rosângela, a base foi pensada para o uso no dia-a-dia, possui cobertura de leve a média e, dependendo da forma aplicada, é possível obter uma cobertura maior na pele.

Ao citar as qualidades da base, ela destaca a textura líquida e a fácil aplicação, fornecendo uma sensação de hidratação na pele; em seguida, ela seca o rosto, dando o efeito *matte*. Acrescenta que a base uniformiza a pele e absorve em parte a oleosidade, além de possuir pouca transferência⁸⁴ (isso pode variar de acordo com cada tipo de pele).

Rosângela apresenta os tons das bases para a pele negra: Dark1, Dark2, Dark3, Dark4 e a Dark5. Ela conta sobre o desejo de ter mais tons de pele negra em suas bases, mas complementa dizendo que é necessário iniciar de um ponto de partida. Ela preferiu, naquele momento, investir nas bases mais escuras, devido à falta no mercado; às vezes, para ela, o tom mais escuro de base para a pele negra deixa a pele mais acinzentada.

Segundo ela, a base se adapta ao tom da pele, ou seja, ela abrange mais tons de pele (Ex.: Dark1). Para expor os tons das bases, Negra Rosa aplica na própria pele os 5 tons de bases, e exibe a foto com as modelos utilizando as respectivas bases para auxiliar as pessoas na hora da compra do produto no site.

Sobre o preço das bases, a *youtuber* diz que o valor foi pensado para que fosse o mais acessível ao público, pelo valor de R\$39,90, e neste momento ela torna a falar de todos os benefícios e qualidades da base. Ela diz que irá sempre tentar colocar um preço "bacana" nos produtos, na medida do possível, pois ela precisa vender para investir em outros produtos focados na pele negra.

Ainda sobre o lançamento futuro de outros tons de bases, Rosângela diz que é uma possibilidade, mas ela é uma empresa independente e não possui nenhuma grande marca por trás dela. E destaca que a intenção da Negra Rosa é atender o maior número de mulheres negras; e, por fim, ela comunica que em breve será possível ser revendedora das bases e batons da marca.

⁷⁷ Válvula que dispensa a quantidade necessária de produto e evita o desperdício do produto; ⁸⁴ A transferência se refere à oxidação da base em contato com a pele, resultando no clareamento ou escurecimento da pele. Por exemplo, a base mancha a roupa ou deixa resíduos no celular ao atender uma ligação.

Finaliza dizendo como é importante “a existência de uma marca independente focada para mulheres negras, que deseja que outras mulheres possam crescer junto com elas”. Complementa com o site www.negrarosaloja.com.br, e diz que em breve haverá pontos de venda em todo o Brasil.



Figura 6: Propaganda dos tons de bases Negra Rosa

Entre os seus vídeos mais populares estão:

- “Cabelo Afro: Turbante 2”, com mais de 749.000 visualizações;
- “Cabelo Afro: Turbante 1”, com cerca de 185.000 visualizações;
- “Cabelo Afro: Curl Formers”, com cerca de 152.000 visualizações;
- “Cabelos Afros: Óleos e Gel”, com cerca de 148.000 visualizações;
- “Cabelo Afro: Flexi Rod”, com cerca de 134.000 visualizações;
- “Cabelo Afro: Relaxante Natural Temporário”, com mais de 107.000 visualizações;
- “Cabelo Afro: Penteados Simples”, com mais de 102.000 visualizações;
- “Cabelo Afro: Relaxante Natural + GelNylooks” - Parte com cerca de 90.000 visualizações;
- “Cabelo Afro: Bantu Knot/ Coquinhos”, com cerca de 78.000 visualizações;

- “Cabelo Afro: Turbante 4”, com cerca de 72.000 visualizações;

2.3 Canal Nathália Braga

Seu canal possui mais de 4.500 inscritos e cerca de 167 vídeos postados, e, como podemos observar na figura abaixo, tem como foco entrevistas e estética negra.⁷⁸ O início de seu canal possui um vídeo com o texto “Preta, eu sei”, de Bruna de Paula⁸⁶ (*influencer* digital), com cerca de 2.403 visualizações.



⁷⁸ Seu canal possui cerca 167 vídeos, assisti alguns de seus vídeos e entre eles destaquei vídeos que relacionam a estética com a autoestima. Existe uma mudança de hábito por meio da estética e em seus vídeos ela pontua essas questões sempre se colocando no mulher negra e moradora da Baixada. ⁸⁶ Bruna de Paula é influenciadora digital, porém não produz conteúdo dentro do YouTube. A mesma gera conteúdo em outras redes sociais, como Facebook e Instagram. Ela é moradora de Mesquita (Baixada Fluminense), professora/pedagoga e mestre em Educação, Cultura e Comunicação.

Figura 7: Canal Nathália Braga

Esse texto de abertura fala sobre a relação da mulher negra com o seu cabelo em diferentes momentos da sua vida: infância (com o cabelo relaxado ou alisado), a identificação com outra mulher negra e o processo de autoaceitação de sua estética.

Preta, eu sei

Eu sei que você não gostava muito de se olhar no espelho. Sei que seu cabelo era um problema. Preta, eu sei. Eu sei que a professora não tocava sua cabeça como a das outras meninas. Eu sei que você não tocava nos seus fios. Eu sei da dor que era desembaraçar. Eu sei também que vieram os apelidos. Eu sei que seu desejo era acabar com aquilo. Eu sei que nenhuma boneca sua se parecia com você. Ou nenhuma estrela de TV. Eu sei que você se achava menos bonita. Eu sei o que você fez pra escapar disso tudo. Você relaxou, não foi? Você alisou... Você puxou, você esticou. Eu tava lá, preta... eu vi. Você se desenhou branca? Você sonhou com você tendo outro cabelo e outra pele? Tava imposto, não tinha jeito. Você fingia ser outra pra alcançar respeito. Eu sei preta, que você se viu na outra preta que passou. Com seu cabelo solto, cheio de crespura e amor Eu sei que você se viu Eu sei, preta... você tem medo, né?...⁷⁹

Ela descreve o seu canal como um espaço sobre empoderamento negro, jornalismo, sexualidade e educação. Para Nathália Braga, no canal "as vozes circulam e por vezes ocorrem entrevistas", além de apresentar questões sobre as "diferentes nuances da mulher negra" (ela se encaixa dentro dessas nuances). Os vídeos mais populares do seu canal são aqueles que falam sobre técnicas/práticas

de manuseio do cabelo: cuidados com o fio, coloração, texturização, tranças, Big Chop (transição capilar) e as particularidades do cabelo 4C.

Seu canal foi inscrito em 2010, e nele encontramos vídeos diversos que falam sobre a sua vida acadêmica no IFRJ, a relação com seus amigos e ações solidárias como a "técnica da alegria", que datam por volta de três anos atrás. Nos últimos dois anos, ela iniciou postagens em seu canal que abordam cuidados com o cabelo tipo 4c. O curioso é que ela diz que seu canal não é estético e que seus vídeos sobre cabelos crespos são apenas para ajudar uma amiga.

Nesses vídeos sobre cuidados com o cabelo 4C, ela deixa diversos links de outros canais do YouTube, por exemplo, Maraísa Fidelis⁸⁰ e Negra Rosa, que possuem dicas para cabelos. Mesmo o seu canal não sendo um "canal de cabelos", ela

⁷⁹ NATHÁLIA BRAGA, **Preta, eu sei – Bruna de Paula**. 27 jul. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_YRtk4HnJro&t=4s>. Acesso em: 5 maio 2018.

⁸⁰ Maraísa Fidelis possui um canal chamado Beleza Interior.

apresenta no vídeo os cremes capilares que utiliza na sua rotina. Na sua fala, ela destaca os benefícios (com o cabelo natural) que obteve em seu couro cabeludo, como a diminuição da caspa.

Nessa série de vídeos iniciais sobre cuidados, o seu rosto não aparece, apenas os cremes e sua voz. Nesse início, ela fala sobre a sua conformação em não saber lidar com o seu próprio cabelo, antes do BC. As únicas opções eram utilizar técnicas de relaxamento na raiz e fazer escovas no cabelo semanalmente. Destaca que sua transição capilar durou três meses, pois esse era o tempo que ela aguardava para aplicar o relaxante no cabelo novamente. Outro detalhe era a espera do dinheiro que seu pai lhe fornecia para ir ao salão. Ressalta que o período de transição foi tranquilo, que fez algumas texturizações e não ligava para os olhares durante o período.

Após esses vídeos, inicia uma sequência de vídeos, cujas pautas são sobre cabelo, representatividade e autoestima. Outros temas que lhe afetam e se destacam em sua trajetória no YouTube são a sua vida universitária, suas angústias, livros, resenhas de séries, e a relação que ela possui com o seu corpo: nudez, pele, ancestralidade, entre outros.

No vídeo, "Eu, Preta: sobre beleza, nudez e autoestima", Nathália inicia falando sobre uma foto que ela postou em seu Facebook, na qual está nua, sentada no chão e abraçando suas pernas. Em seguida, ela fala que esse vídeo é sobre autoestima construída, e destaca que o mesmo é para e sobre pretas. Acrescenta que esse vídeo é para quem vive isso, e ela "não está ali para explicar nada para ninguém, e que está ali para falar com quem realmente vivencia a coisa":

... a gente sabe que, para chegar ao ponto que uma pessoa anônima, postar publicamente uma foto dela sem roupa, dados os

significados tão uuuuuuhhh [fala isso com tom irônico]... que existem na sociedade sobre isso, a pessoa tem que estar muito bem em relação a ela mesma, para poder fazer isso. Agora, quando você é preta, e faz isso, o primeiro argumento, a primeira questão que surge é que você está se expondo, seria uma exposição. Mas o que seria essa exposição, essa exposição está altamente ligada a questão que a gente tem de ser hipersexualizada. A primeira coisa que veio na minha cabeça, mas isso já acontece!?...⁸¹

Nessa fala, ela passa a questionar como o corpo da mulher negra é visto de forma sexualizada, sempre tratado como "exótico, pedaço de carne"; e isso é uma condição comum para a mulher negra, segundo ela. No dia de sua postagem nua (a

⁸¹ NATHÁLIA BRAGA. **Eu, Preta: sobre beleza, nudez e autoestima**. 5 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gOwY5bPA0GE>>. Acesso em: 16 maio 2018.

foto foi retirada depois), uma amiga repostou a foto dela no Facebook, e ela viu diversas opiniões sobre a foto.

Em seu Facebook, ela disse que a postagem foi tranquila, até “cômica” no que diz respeito à culpabilização; no perfil de sua amiga, a mesma foto foi tratada como um escândalo, com comentários julgando-a. A partir daí, ela traz a discussão sobre o medo de sua postura, modo de se vestir e se apresentar, e da possibilidade de estar contribuindo para a hipersexualização, como se ela fosse a culpada por possuir tal corpo.

Ela tinha o receio de que alguma pessoa, nos comentários, a comparasse com a Globeleza,⁸² pois esse seria o único modelo de mulher negra nua que as pessoas teriam como referência. Segundo Nathália, essa imagem refletiu “365 dias de empoderamento”, iniciado com sua transição capilar e que se estendeu para todo o seu corpo. Conta que ela “iniciou conhecendo a raiz do seu cabelo, e acabou conhecendo todo o resto e ainda está conhecendo”.

Na altura da postagem desse vídeo, Nathália tinha 18 anos e conta que passou mais de noventa por cento de sua vida sem saber que ela era uma pessoa bonita. Passou por “17 anos e alguns meses” sem afirmar isso. Ela diz que sempre foi muito claro, para ela própria, que não era bonita. Ela diz:

... eu também nunca soube relacionar o fato de que eu não era a mais bonita, porque eu não tinha exatamente os mesmos traços que a pessoa mais bonita, por exemplo: o cabelo e a cor da pele. Hoje para mim isso é novidade total, identificar, saber dar um nome às coisas que eu sempre vivi na vida e ver gente dizendo o mesmo, e que passou pelo mesmo. Tudo isso é uma novidade enorme para mim, e acho que isso precisa ser comentado e é por isso que estou aqui inclusive...⁸³

Nathália Braga conta que sempre teve consciência de não ser bonita, e ao longo de sua vida ela traçou estratégias, mesmo que inconsciente, para se tornar uma pessoa “aceitável”, e assim ela tinha o ideal de ser uma pessoa simpática, já que ela não se considerava tão bonita. Pontua que, na adolescência, percebeu um contraste na abordagem dos garotos em relação a ela e outras garotas. Relata que os meninos não a abordavam de forma carinhosa: eram agressivos; com as outras garotas eles seguravam na mão e, com ela, “alisavam” seu corpo.

⁸² Globeleza é o nome dado à mulher negra que participa das vinhetas de carnaval da emissora de televisão Globo, desde a década de 90, onde a mesma aparecia nua com o corpo pintado com tintas e purpurina.

⁸³ NATHÁLIA BRAGA. **Eu, Preta: sobre beleza, nudez e autoestima**, op. cit.

Chama atenção na sua fala que ela não dispensava esse ato, pois isso para ela era um “evento raro”. Ela comenta que aceitava pois isso era o que “tinha disponível”. Para ela, nunca existiu reciprocidade em relação ao afeto, retorno das pessoas sobre ela ser bonita, por isso ela precisou construir amor próprio, pois isso nunca veio por parte de terceiros.

A construção desse “amor próprio”, para Nathália, foi uma adaptação, um “escudo” que ela construiu ao longo do tempo. Ela procurou possibilidades para ela mesma. Em seu vídeo, ela diz que o seu “cabelo foi uma plataforma” que proporcionou experimentar a si mesma. Enquanto ela tentava desvendar o próprio cabelo, ela estava começando “a não se importar com as opiniões das pessoas” sobre ela.

“Licença, migos. Este é o meu momento, e eu estou me curtindo”: essa fala retrata o quanto ela está aprendendo a lidar com a sua imagem. Nathália conta que tira muitas fotos e *nudes* e que isso é revelador, é uma forma de autoconhecimento de si mesma e de seu corpo. Ao se fotografar, ela se depara com ângulos e versões de si mesma, e afirma que é possível criar por meio disso.

A foto nua foi a primeira vez que ela se permitiu “sensualizar”, que é necessário se permitir tirar várias *selfies*, pintar o cabelo, usar roupas diferentes, é ter liberdade para tentar diferentes coisas. A partir daí, ela revela que tem curiosidade em se ver maquiada, com base e outras coisas⁸⁴ (“maquiagem de verdade”).

Para finalizar o vídeo, ela diz que ela precisava de um estímulo para ser essa “pessoa maravilhosa”, e hoje ela se “endeusa”, porque ela sabe quem ela é. E isso fez com que ficasse mais crítica e seletiva, pois agora ela sabe o seu valor:

... se alguém vier me elogiar, eu vou dizer obrigado, claro. Mas não vai ser aquela coisa, aquele obrigado murcho, olhando para baixo. É obrigado, tipo, eu sei. Eu estou vendo. Eu sei que sou maravilhosa. Então não vou querer uma coisa, eu não vou querer ficar por baixo, não vou querer uma coisa inferior. Se eu mesma já estou sendo material o suficiente para que eu mesma goze, imagina o resto do

mundo, complicado, tá difícil para vocês, hein! Olha aqui que legal (ela mostra a sua boca com batom), eu também não sabia que eu podia usar batom! Então, amigos, isso se chama empoderamento, tá tendo, e vai ter mais, tá?! Beijinhos! Até a próxima, com mais tombamentos na nossa querida *timeline* e na vida real também...⁸⁵

Destaco os vídeos sobre estética, pois esse é o foco desta pesquisa. Prossigo descrevendo o canal por meio de mais um vídeo: “Primeira Maquiagem da Vida”. O

⁸⁴ “Outras coisas” se refere aos demais artefatos de maquiagem: rímel, corretivo, sombra, lápis, pó, blush, etc.

⁸⁵ BRAGA, Nathália. **Eu, Preta: sobre beleza, nudez e autoestima**, op. cit.

vídeo discorre sobre o fato dela ter encontrado uma base que se adequasse ao seu tom de pele, e ela diz que isso é um “marco em sua vida”.

No vídeo, ela propõe um bate-papo enquanto se maquia, e por isso ela avisa que será feita uma “arte abstrata” (referindo-se ao resultado da automaquiagem), e não um tutorial comum do YouTube. Antes de iniciar o vídeo, ela apresenta três batons que recebeu da Negra Rosa (considerada por ela uma das primeiras *youtubers* negras do Brasil), e ressalta que esse vídeo não é para falar dos seus “recebidos”⁸⁶, e sim para fazer um relação com o ensaio fotográfico que ela elaborou sobre mulheres negras e maquiagem, intitulado “Vozes e Mulheres”, partindo da sua história pessoal.

Nathália Braga inicia a maquiagem mostrando a embalagem da base Negra Rosa Dark 2, e passa a base com os dedos, pois não possui material para aplicação. Destaca que esse processo de maquiagem é ritualístico para ela, pois sempre teve curiosidade em saber como ficaria ao utilizá-la, e acrescenta:

... não ter acesso a maquiagem e passar pelo processo de transição capilar, fez com que eu aprendesse que a forma que eu já sou é o suficiente para que eu me sinta bonita. Então, hoje, mais do que nunca, o uso da maquiagem vem como um complemento, eu não sei se dá para vocês compreenderem...⁸⁷

Aos 20 anos de idade, Nathália diz que há exatamente dez anos comprou uma base. Sobre essa experiência, ela foi duas vezes em uma loja, foi mal orientada, e demonstra no vídeo uma foto em que aparece com a base em um tom abaixo da sua pele. Nathália conta que, nesse período, possuía “neurose” em acessar o portal da revista *Capricho*, e com isso ela acreditava que era necessário ter e usar maquiagem.

⁸⁶ Recebidos é a forma que *youtubers* chamam os presentes enviados por marcas para elas. Através dos “recebidos”, as marcas divulgam seus produtos através das *youtubers* e influenciadores digitais.

⁸⁷ BRAGA, Nathália. **Primeira maquiagem da vida | Negra Rosa**. 17 maio 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hh53coEN86o>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

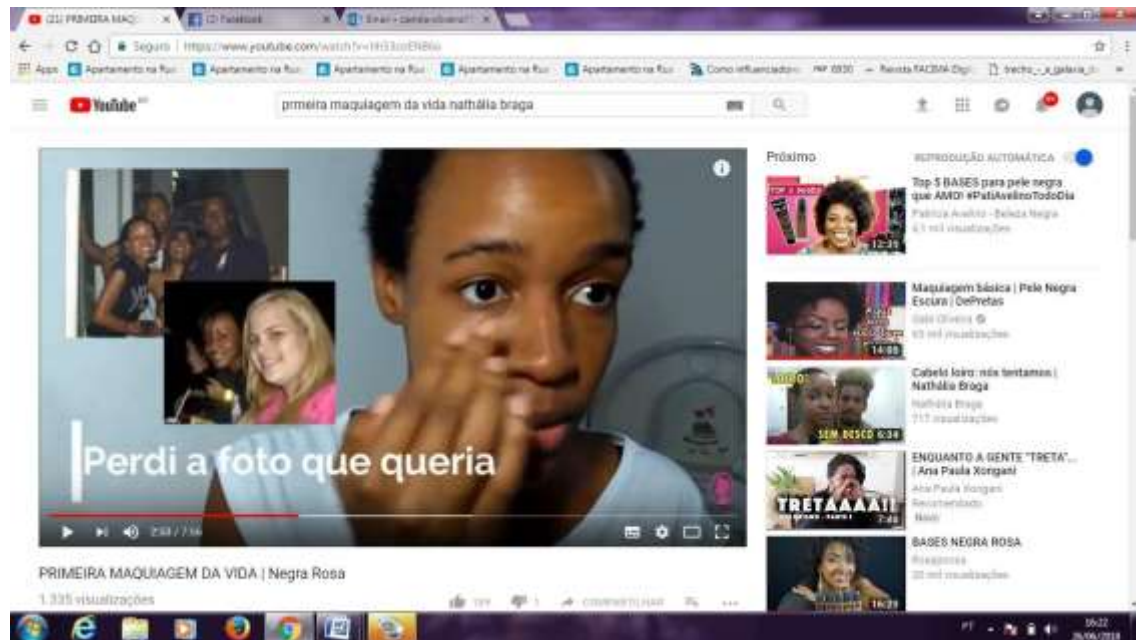


Figura 8: Automaquiagem com Nathália Braga

Maquiagem nunca foi seu interesse, e ela deixou passar essa questão, e por isso aos 22 anos ela está se dando a oportunidade de ver seu rosto com uma nova versão de si mesma, após mudanças com o cabelo e corpo. Nathália diz que o mais importante não é ver as manchas do seu rosto desaparecendo com o uso da base, e sim ter possibilidade de escolha, o direito à escolha.

Continua dizendo que muitas pessoas ainda não compreendem que, quando se trata de feminismo, a relação de mulheres negras com a maquiagem é diferente, devido às condições de humanidade e feminilidade que sempre foram negadas às mulheres negras. Durante o vídeo, enquanto uniformiza a pele com a maquiagem, ela diz o quanto é “simbólico” esse processo.

Além disso, ela destaca um outro vídeo já existente no canal, sobre afroempreendedorismo, já que a maquiagem utilizada no vídeo é fruto de uma afroempreendedora (Negra Rosa). Por isso o produto possui uma “simbologia” muito forte para ela, pelo fato de ser um produto criado por uma mulher negra. O uso da base Negra Rosa, para ela, é importante porque advém de uma pessoa que “vive e viveu as coisas” pelas quais ela passa no seu cotidiano.

Finaliza dizendo que está se sentindo uma pessoa de cera⁸⁸ e agradece aos seguidores que estão assistindo ao vídeo. Nathália faz referências ao brinco que ela está utilizando durante o vídeo, que é da AfroSil; a maquiagem da Negra Rosa; a

⁸⁸ Referindo-se ao excesso de maquiagem em sua pele.

camisa utilizada (com a silhueta de uma mulher com Black Power) é da Era uma Vez um Mundo.

Alguns meses depois, Nathália fez a postagem do vídeo “Eu, PRETA e careca”. Ela fala sobre o corte e a experiência de estar com o cabelo curto. Além disso, faz uma comparação com 2013, quando ela “entrou nesse mundo cabelo, feminismo e negritude”, e 2016 (data da postagem do vídeo: 24 de novembro de 2016).

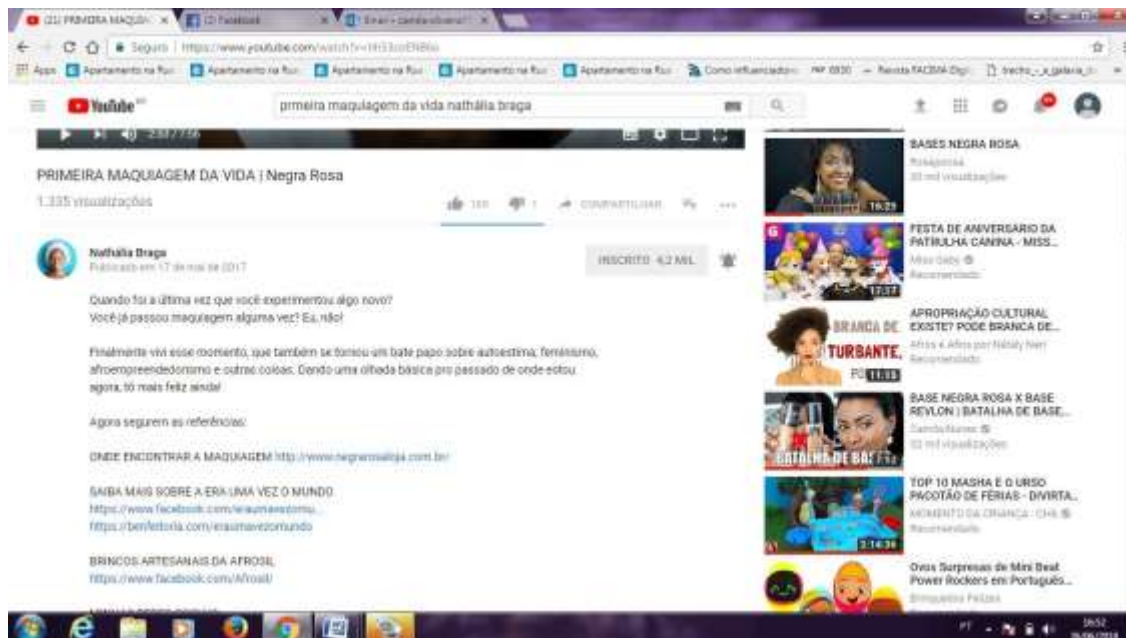


Figura 9: Descrição do vídeo “Primeira maquiagem da vida”, por Nathália Braga

Ao tomar a decisão sobre iniciar a transição capilar, ela assistiu ao vídeo de uma norte-americana (não consegui entender o nome) raspando a cabeça, porém sua mãe não autorizou o corte. Ela esperou um momento e decidiu que, depois de colorir e descolorir, trançar os fios, ela iria viver a experiência da máquina passando pelo seu couro cabeludo.

Ela diz que tentou descolorir o cabelo, porém não conseguiu, pois o descolorante estava velho. Por isso decidiu cortar os fios. Ao tentar cortar o cabelo em casa, se deparou com a máquina ruim e precisou comprar outra. Depois tentou novamente descolorir o cabelo, pois ela queria muito ter “uma careca platinada”. Após tentar colorir em casa, ela teve uma reação alérgica.

Após contar como foi o processo de cortar e descolorir, um “drama” como ela diz, ela enfatiza a experiência de ter o cabelo curto. Nathália questiona: “quem foi que nessa sociedade associa o comprimento do cabelo com a feminilidade?!” Acrescenta dizendo: “abandona a química, que altera a estrutura do cabelo, e realiza

o corte do cabelo (com intuito de eliminar as duas texturas), ela fica sujeita a ataques de intolerância religiosa e homofóbica”:

... como estamos nos referindo às mulheres negras, a minha sugestão é que maquiagem e roupa são os seus aliados. Esse assunto irá voltar para esse canal em outros vídeos, mas segura a marimba dessa forma. Vamos lá, seguir em frente! Tudo isso deixando bem evidente que esse vídeo e toda essa experiência é com a gente, nosso corpo, a nossa mente no centro. Esse vídeo não é um vídeo sobre como você vai dançar conforme a música, para conseguir agradar a sociedade, mesmo tomando uma decisão que é pura e exclusivamente sobre você. Não! Se você quer um vídeo, como agradar a sociedade, como fazer esse tipo de coisa, você não está no canal certo...⁸⁹



Eu, PRETA e careca | Nathália Braga

Figura 10: Nathália Braga: Eu, preta, careca

Nathália fala da facilidade existente de utilizar tranças, *laces*, apliques que auxiliam na transformação do cabelo natural, pois nem todo mundo quer estar com cabelo curto. Ela destaca que esses recursos exigem um custo financeiro, por isso destaca o YouTube como uma rede de apoio, que pode auxiliar você para aprender a fazer em si mesma. Ela diz que, por estar com o cabelo curto, pessoas podem ignorar a sua existência, por isso não ser um padrão que se espera de uma mulher na sociedade.

Finaliza o vídeo, dizendo “que uma vez o cabelo curto” é importante aproveitar cada fase dele, e ela entende que hoje o seu cabelo é parte dela, mas não a define. E ela ressalta que, para que essa sintonia exista, é necessário o espelho, e por isso ela convida a todos para o autoconhecimento, para se descobrir. Ela convoca pessoas que conheçam as mulheres negras que estão no YouTube produzindo seus

⁸⁹ BRAGA, Nathália. Eu, PRETA e careca. 24 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QxPRyugOq1w>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

vídeos e contando suas histórias e descobertas, e salienta que “você” pode fazer parte desse grupo e espaço de fala.

3 DEMOCRACIA RACIAL NA ERA DIGITAL

3.1 Análise dos canais

Os canais etnografados têm um mesmo tema em comum: mulheres negras descrevendo suas práticas estéticas no YouTube. São mulheres que estão replicando e expondo – cada uma com um jeito particular – como é reconhecer o próprio corpo como um corpo belo.

À luz de Neuza Maria de Sant’anna de Oliveira, podemos afirmar que, em cada narrativa, encontramos uma face da mulher negra, uma singularidade na pluralidade dessas mulheres. Por meio de suas experiências, relatadas em seus vídeos, elas acabam incorporando as experiências de seus seguidores em suas histórias (através dos pedidos de pautas solicitados pelos mesmos).

A construção de trajetórias de vida no YouTube, por meio de um discurso inicialmente estético, torna os seus corpos uma iconografia. As *youtubers* negras são interlocutoras de suas próprias vidas. Os seus relatos sobre beleza, sexualidade, religião, raça, classe e gênero abrem um espaço de debate para questões sobre quem são essas mulheres, ajudando a produzir uma reflexão sobre o momento atual no YouTube, com tantas trajetórias sendo elaboradas nesse espaço.

Colocar as suas trajetórias de vida expostas no YouTube, é um meio de estabelecer uma identidade. Butler (2005) ajuda na compreensão, quando nos informa que a categoria “mulheres” “constitui o sujeito ao qual visa almejar representação política e ampliar a visibilidade e legitimidade como sujeito político”. Fazer-se representável é necessário, quando se está em uma posição desfavorecida na sociedade (mulher preta e periférica); torna-se uma necessidade para que haja a construção desses sujeitos e a distinção dos mesmos, para assim trazer à tona suas demandas.

Youtubers negras passam a entender o sistema em nós, aproveitando-se dele de forma politizada ou não, e elaboram a ascensão da estética negra. Elas estão (re)categorizando suas experiências como válidas, na medida em que transformam o seu estigma em uma normalidade, criando uma nova linguagem de relações.

A “aceitação” de sua estética é uma tentativa de desmitificar os estigmas históricos de sua raça. Isso faz com que ocorra um movimento contra-hegemônico nas redes – no nosso caso, o YouTube – sobre as novas perspectivas que mulheres

negras estão elaborando sobre si mesmas, produzindo visibilidade para elas enquanto mulheres negras e periféricas.

Ao se colocarem nessa posição de visibilidade, elas saem do lugar de esquecimento e passam a viabilizar para as mulheres negras novos espaços de emancipação social sobre si mesmas. A conscientização de suas especificidades, expressadas no corpo, possibilita a não camuflagem de seus traços negros, na medida em que eles se tornam usuais.

A produção de vídeos no YouTube articula novas abordagens que passam pelo feminismo negro, junto das experiências vivenciadas por diferentes realidades e compreendidas de formas distintas. Com a facilidade do acesso aos aparatos tecnológicos, mulheres de diferentes localidades podem se expressar por meio das redes, contando suas histórias.

Assim, destaco a capacidade da rede que está sendo criada dentro do YouTube por mulheres negras que estão localizadas em lugares periféricos, e que são agentes capazes de externar suas reivindicações, frustrações e experiências de vida. Dessa forma, ocorrem novas identidades, que são articuladas com seus interesses econômicos, sociais e culturais, os quais corroboram para a aceitação de si.

Entendo que tais identidades, produzidas por *youtubers* negras, elaboram um espaço alternativo para a construção de um novo formato de fala sobre suas subjetividades. Mulheres falando sobre suas vivências com o corpo, em especial o cabelo, estão se emancipando de narrativas que diziam como ele deveria ser.

O YouTube viabiliza, para essas mulheres, estruturar práticas sociais importantes, que desenvolvem suas subjetividades, mesmo quando estão na posição geográfica onde moram os silenciamentos e desigualdades. Por meio desse emaranhado de fios, *youtubers* negras articulam relações sociais, elaboram performances e desenvolvem corporalidades através de suas práticas capilares (estéticas).

Chamo a atenção, nesta pesquisa, para a repetição encontrada sobre as pautas das três mulheres negras e seus canais. A transição capilar é um tema recorrente nos vídeos que falam sobre o cabelo de mulheres negras. Elas expõem como é estar nesse processo, independentemente do período vivenciado, mas obtiveram uma percepção similar do seu corpo. O cabelo tornou-se importante para o seu reconhecimento como negra.

Gomes (2006) destaca que as diversas contradições em relação aos diferentes estilos de cabelos são “geradas pela ambiguidade em torno das categorias na análise do negro brasileiro com o cabelo, refletindo uma identidade construída de maneira conflitiva...”. Em muitos momentos, a naturalidade do cabelo crespo é

associada a uma textura específica, a qual nem sempre se encaixa em um referencial estético "belo".

Acredito que estamos passando por um novo processo de ressignificação da identidade negra por meio do YouTube. A construção de um discurso estético é a adaptação de uma história (movimento das décadas de 60 e 70) como uma ação que tenta dar conta da estrutura, do que já está estabelecido. Mulheres negras estão alterando a estrutura do padrão estético, na medida em que suas singularidades atualizam suas formas de "resistência".

Por meio da classificação capilar,⁹⁰ prevalece uma questão sobre o preconceito exercido em relação à aparência (textura do cabelo e pigmentação da pele). Os traços físicos podem definir o número de acessos aos canais. De acordo com a aparência, pode ocorrer a classificação em uma espécie de "ranking racial digital". Isso pode refletir as marcas de um país que sempre tentou embranquecer os seus cidadãos:

... a mídia inteira só te empurra pessoas brancas e negros claríssimos. A gente não tem uma mulher negra na televisão brasileira, sendo diva, protagonista, com a pele preta, retinta, com cabelo crespo, boca larga, nariz largo e boca grossa. A gente não tem, a gente não tem uma Viola Davis, fazendo uma protagonista "babadeira". Porque o Brasil, ainda é muito pigmentocrático, os negros mais claros sempre foram vistos como mulato, pardo, moreninho... Eles tentam eufemizar a palavra "negro", com muitas formas! Eu mesma, quando era mais nova, não gostava de ser chamada de pretinha, negrinha... nada disso, porque eu me considerava morena. Eu era parda...⁹¹ (Identificação RacialblogdaTAYA, vídeo publicado em 28/04/2016)

No trecho acima, a *youtuber* reforça como os mecanismos do racismo operam dentro da sociedade brasileira, uma vez que ela se coloca dentro desse processo de embranquecimento, já que ela, enquanto mulher negra de pele mais clara, identifica privilégios que são atribuídos à sua pele.

Sendo assim, sinalizo a existência de uma reprodução das desigualdades no YouTube, fazendo com que se tenha uma tendência ao branqueamento nas "escolhas" de canais. O preconceito de marca, referente ao fenótipo, é construído no Brasil desde sua fundação como nação. Há relatos de *youtubers* sobre mulheres negras de pele mais escura e cabelos crespos que possuem uma ideia de pertencimento de grupo com negras com a pele mais clara e cabelos anelados (no caso, o "mestiço").

⁹⁰ Refiro-me à já citada tabela de classificação da curvatura dos fios cacheados e crespos.

⁹¹ TAYA. **Identificação racial**. 28 abr. 2016. Disponível em: [≤https://www.youtube.com/watch?v=066gGzMKCd8&t=20s>](https://www.youtube.com/watch?v=066gGzMKCd8&t=20s). Acesso em: 6 ago. 2018.

Acredito que o mito da democracia racial opere na medida em que ocorre uma espécie de “mobilidade digital” que influencia as relações sociais no YouTube. Sendo assim, a existência de uma hierarquia racial é totalmente viável dentro do espaço digital. As informações sobre cor e textura do cabelo são apresentadas pela presença de um corpo negro no vídeo; antes de sua fala, tais dados são informados pela performance.

Dentro da plataforma, é possível verificar, em números, as diferenças entre *youtubers* que possuem a pele branca e negra. Em minhas observações, percebi que *youtubers* brancas que também fazem vídeos relacionados com beleza e estética possuem maior números de inscritos e visualizações, independentemente do tempo que ambas possuem na plataforma.

Tabela 1: Quadro comparativo de acesso a três canais de beleza e estética do YouTube

	Ano de inscrição	Visualizações do canal	Números de Inscritos	Números de vídeos Publicados	
Canal Boca Rosa (mulher branca)	2011	353.542.507	5.108.927	568	
Canal Rayza Nicácio (negra com pele clara)	2009	99.326.792	1.542.940	544	
Canal Negra Rosa (negra mais escura)	2010	4.471.258	39.194	411	

Fonte: YouTube

Observando a tabela acima, notamos que há outras variáveis influenciáveis na visibilidade do canal (tempo, número de vídeo). Porém, podemos perceber que, independentemente do tempo de canal, a mulher branca possui muito mais acessos, e com isso ela consegue realizar mais parcerias e propagandas dentro e fora do seu

canal com diversas marcas. Os números se multiplicam quando se compara o acesso ao canal Boca Rosa em relação aos canais de mulheres negras, quanto a visualizações e número de inscritos. Podemos justificar essa diferença pelo fato de que, em um país onde a pele mais clara é valorizada, há um reforço dessa ideia em todos os veículos de comunicação.

Dessa maneira, os traços mestiços continuam sendo reforçados como símbolo de identidade, por meio dos números de acessos, visualizações e inscritos nos canais. Entendo que haja uma ressignificação do mito nacional, na medida em que o YouTube é um novo mecanismo de regulação e até mesmo de opressão, já que ocorre distinção de grupos raciais.

A miscigenação é a origem da falsa ideia do mito da democracia racial, pois ainda há muitas fronteiras inter-raciais que reproduzem desigualdades de raça e gênero no meio digital. Definitivamente, por meio dos números de *likes* e visualizações, observo uma predileção/seletividade por *youtubers* negras que estão dentro de um grupo de cor mais clara e cabelos cacheados. Nesse sentido, a ideia de miscigenação influencia de forma negativa ou positiva, dependendo do ponto de vista, a existência de uma ascensão de vídeos de acordo com o fenótipo.

A existência de um lugar privilegiado para *youtubers* negras que possuem a pele mais clara ou cabelos cacheados, mesmo que todas apresentem um mesmo conteúdo no YouTube, há critérios raciais que constroem a classificação destas mulheres. Essa mescla de categorias raciais aliadas à estética demonstra como as "escolhas" por diferentes canais são expressadas, e em muitos momentos se apresentam de forma excludente devido aos mecanismos discriminatórios que estão operando na plataforma de vídeo.

Os vídeos tornaram-se um espaço para discussão de diferentes agendas para as mulheres negras inseridas nesse ambiente. Acredito que possamos estar vivendo uma democracia digital e "cordial" (HOLANDA, 1995 [1936]), na qual mulheres negras estão expressando os medos e frustrações que sentem ao viver diariamente com sua estética. *Youtubers* negras estão ordenando, dentro da própria cultura, novas estruturas de significação, que ajudam na compreensão de eventos sociais que, por muito tempo, colocaram-nas de fora da dinâmica social. A ampliação das categorias, ou seja, das possibilidades, faz com que haja novas definições de padrões de beleza, que ressignificam os valores contextuais vigentes na sociedade.

As relações que elas estão construindo dentro do YouTube são baseadas naquelas existentes fora do meio virtual. Sendo assim, elas acabam iniciando um processo de significação de suas ações, que até então não eram vislumbradas por elas. Reordenar suas ações dentro do sistema, é a forma pela qual mulheres negras

estão redesenhando um novo movimento dentro do processo histórico, e se posicionando como protagonistas de seus discursos.

Os diversos estereótipos que circundam o corpo da mulher negra fazem com que o mesmo seja apenas uma simbologia que expressa uma linguagem negativa. Esse corpo que se expõe no YouTube não é apenas o biológico, é um corpo que possui uma dimensão psicológica e social (MAUSS, 2017).

Youtubers negras estão fundindo as ideias sobre seu corpo, que vai além das fronteiras sociais visíveis. Elas estão socializando, com o seu corpo, suas emoções, retirando o seu corpo de um condicionamento histórico no qual foi colocado. A compreensão de que o seu corpo está diretamente ligado com a ideia de pessoa vem sendo construída dentro dos canais do YouTube.

3.2 Canais e particularidades

Observando cada uma, enxergo suas especificidades dentro desse mundo vasto de *youtubers* negras. Cada *youtuber* traz à tona uma forma de abordar os temas, mesmo que sejam parecidos. Através do trabalho de campo, observei a forma pela qual elas se rotulam enquanto *youtubers*. Todas se enxergam como influenciadoras digitais. Taya, por exemplo, intitula-se na abertura do seu primeiro vídeo com o subtítulo “Moda Suburbana e Feminista; dessa forma, ela já se coloca em um espaço geográfico e indica suas posições ideológicas.

Ela deixa claro que o objetivo de seu canal é compartilhar tutoriais de maquiagens e cabelo e suas experiências. Assisti a alguns vídeos, e percebi que há sempre a necessidade pontuada por ela de mostrar as suas vivências para os seus seguidores. Taya traz as experiências com o seu corpo, mesmo quando ela fala de vídeos com uma fundamentação teórica, como o vídeo de “Identificação Racial”.

A *youtuber* utiliza de termos como “colorismo”, “miscigenação” e “passabilidade branca” para expor como ocorre o embranquecimento e o enegrecimento de sua pele durante sua adolescência e vida adulta. Taya destaca o quanto é difícil ser negra, quando se vive cercada de referências que se distanciam de sua aparência.

Podemos ler sua experiência pela ótica da “ideologia de branqueamento”, pela qual a negação dos próprios traços fenótipos é comum dentro de uma lógica de generalização/padronização no discurso identitário em nosso país, fruto da miscigenação.

Taya abre seu canal transitando sobre questões que abordam a aceitação do cabelo crespo e o reconhecimento enquanto mulher negra. Sua fala é marcada por

pontuar a liberdade do corpo feminino, sobre ser livre para realizar suas escolhas; é perceptível em sua fala um posicionamento militante sobre questões de cunho feminista.

Há uma empatia em relação a questões sobre a objetificação do corpo feminino e negro, por isso em seu canal há vídeos que falam sobre a hipersexualização, autoestima e liberdade sexual da mulher. Na descrição do seu primeiro vídeo, ela relata sobre “o que ela ama em mulheres negras: a força e resistência para aguentar o mundão recheado de opressões vitais a nós e a beleza...”. Esse trecho da descrição do vídeo já a coloca em um posto de militância, por questões que se referem a mulheres negras.

Toda a rejeição que, segundo ela, a sociedade lhe impõe, gera nas mulheres negras o auto-ódio, e a negação de si mesma é algo que se torna comum na vida das mulheres negras. Ela pontua como é necessário que haja referências de mulheres negras na mídia, pois só assim é possível que mulheres negras façam o exercício de “amar o seu reflexo”, mas para isso é importante que existam mulheres negras nas mídias populares. Apenas assim é possível amar a si mesma e à outra.

O ponto sobre se identificar como negra é marcante em seus vídeos. Ela mostra como o embranquecimento pode adoecer mulheres negras, afastando-as do processo de identificação racial. Pois, ao negarem a cor da pele e modificar a estrutura do cabelo por meio de químicas alisadoras, elas se colocam em um lugar de privação de suas identidades.

Entendo que mulheres negras são mais do que seus corpos, já que possuem uma variedade; porém, a impossibilidade de se apresentar como elas são, inviabiliza que a sociedade as note. Por isso, o discurso estético e livre ressaltado por Taya é importante. Ela sinaliza que é extremamente importante que haja um trabalho de empoderamento racial, no qual o negro seja valorizado.

A partir daí, ela traz a sua realidade para mostrar o quanto negou a própria imagem durante a infância e adolescência, pois não via beleza em si mesma. A partir de suas falas, percebo que ela, enquanto mulher negra, viveu parte da sua vida estereotipando seu corpo de não-negra. E, dessa forma, podemos ver a identidade dela sendo massacrada por um longo período da vida. Por meio do YouTube, ela encontrou um meio de potencializar outras mulheres com a capacidade que um dia ela alcançou de recriar-se e reconhecer-se como mulher negra.

Talvez ela não fuja dos diversos estereótipos que possam rodear a sua vida, mas, pelo fato de estar no YouTube produzindo conteúdo para mulheres negras, ela se desloca da posição de inferioridade que já lhe era conferida e passa a influenciar de forma positiva o processo de identificação racial de outras mulheres.

Diferente de Taya, que se posiciona de forma política bem definida em seus vídeos, Negra Rosa fala sobre a aceitação da estética negra por meio de uma variedade de práticas estéticas. É importante destacar que, em suas falas, é muito comum a importância de se conhecer o próprio cabelo e de como tratá-lo.

Negra Rosa possui muitos vídeos com técnicas de texturização capilar, mostrando o passo a passo para fazer *twist*, *blow out*, coquinhos, tranças e finalizações com gel. Ela costuma falar sobre a maleabilidade do cabelo natural, pois a cada técnica de finalização e texturização o cabelo se apresenta de uma forma.

Para Negra Rosa, a consciência de se descobrir mulher negra passa pela experiência do cuidar do cabelo, e sua identidade racial é ligada a essa relação. O caminho de valorização da sua imagem ocorre durante o período de transição capilar e no alcance do cabelo crespo.

Ao ensinar práticas estéticas em seu canal, há a preocupação de falar para os seus seguidores que o efeito final de cada técnica varia de acordo com o seu tipo de cabelo. O que pode ser muito bom para o cabelo dela, talvez não seja o mais indicado para os outros. Ela coloca o cabelo como algo individual, e por isso ela diz que cada um deveria aceitar a sua textura como ela é. Pois só assim a pessoa poderá saber o que especificamente o fio precisa de hidratações com mais óleos e manteigas.

Um ponto importante em sua trajetória é o lançamento de uma linha de cosméticos⁹² pensada e feita para mulheres negras. Ela lança diversos vídeos sobre os seus produtos, com tutoriais de maquiagem sobre como utilizar os seus batons e base. Seus batons, quando misturados, criam novas tonalidades ou podem ser usados como sombras. As bases, quando combinadas, podem ser usadas como corretivo e em técnicas de contorno (jogo de luz e sombra).

Seus vídeos passam a demonstrar a versatilidade de seus produtos em diferentes tons de pele negra. Negra Rosa se apropria de um discurso do colorismo,⁹³ quando ela traz para o afro-empendedorismo, para o mercado de forma geral, uma linha de base que procura atender os tons da pele negra. Nesse caso, ela utiliza a miscigenação como um fator positivo, pois a partir desse ponto

⁹² Atualmente (2018) a sua linha de cosméticos possui batons *mattes* e *semi-mattes*, *gloss*, bases, paleta de sombra, água micelar e gel capilar.

⁹³ Segundo Aline Djokic, para o site Blogueiras Negras, colorismo é a discriminação pela cor da pele, a qual possibilita acesso a determinadas posições e até ascensão dentro da sociedade. Os aspectos fenotípicos (cabelo crespo, nariz largo) são associados à herança africana e isso influencia no processo de discriminação. Possuir a pele negra em um tom mais claro possibilita alguns privilégios. Cf. DJOKIC, Aline. **Colorismo: o que é, como funciona**. 27 jan. 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/01/27/colorismo-o-que-e-como-funciona/>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

ela transforma o colorismo em instrumento para a valorização da estética negra e monetiza o que durante anos foi ou é motivo de discriminação.

Acompanho a *youtuber* Negra Rosa em outras redes sociais, e observei que seus produtos ganham projeção em diversos espaços de periferia no Rio de Janeiro, como regiões da Baixada Fluminense e Zona Oeste, através das revendedoras de sua marca. Esse fato é curioso, pois podemos observar que, mesmo com seus vídeos ganhando projeção de nível global por meio do YouTube, sua fala e seu público ainda continuam bem localizados em uma região. A sua fala é potencializada de dentro da periferia e para a periferia, e podemos perceber uma intercomunicação entre locais.

O canal Nathália Braga possui vídeos que falam sobre a sua relação com o cabelo, porém destaco que a sua fala é voltada para uma questão de autocuidado. É fazer com que mulheres negras que lhe acompanham entendam que é necessário se sentir bem com o seu próprio corpo.

Ao assistir ao vídeo "Preta, eu sei", no qual ela faz a leitura do texto de Bruna de Paula, percebi que, ao relatar as experiências de uma mulher negra com o próprio corpo, é possível perceber o quanto isso pode ser nocivo para a saúde mental dessas mulheres, que vivenciam a negação de sua estética desde pequenas. Nathália procura mostrar o quanto o branqueamento é algo presente na vida de mulheres negras.

Seus vídeos iniciais ensinam práticas específicas para o cabelo 4c, aquele que possui pouca definição ou não apresenta cachos, que é o seu tipo de cabelo. Nesses vídeos, ela conta sobre a sua transição capilar, e como para ela esse processo foi tranquilo e também de descobertas. Nathália discute como foi aprender que era bonita, e toda essa boa relação com o espelho foi construída a partir do seu cabelo natural.

Os seus vídeos trazem questões que envolvem diretamente suas experiências. Ela faz publicações sobre suas percepções de séries, sobre sexualidade, sua vida acadêmica, espiritualidade, estética e autocuidado. Na sua fala também é presente a preocupação com a hipersexualização da mulher negra. Ao expor uma foto nua nas redes sociais, ela percebe o quanto o seu corpo é estereotipado.

Dessa forma, podemos perceber como o corpo da mulher negra ainda possui um local na sociedade. A própria mulher se coloca no lugar de rejeição, na medida em que esses estereótipos sobre seu corpo lhe atingem. A *youtuber* tira sua foto das redes sociais, devido a uma culpabilização de si mesma pela exposição do corpo nu, quando, na verdade, ela sofre uma violência simbólica sobre o seu corpo.

Quando Nathália Braga diz que a imagem do seu corpo reflete "365 dias de empoderamento", iniciados em sua transição capilar e estendidos para o corpo, enxergo essa afirmação como uma tentativa de naturalizar para si mesma o corpo

negro que se apresenta para ela no espelho. Ela buscou deixar de lado uma noção de si que por muito tempo ocorria dentro de um sistema de silenciamentos e desconhecimento, para se colocar na posição de protagonista da sua história.

Para ela, o “cabelo foi uma plataforma” pela qual conseguiu diminuir os impactos de uma sociedade racista; ela construiu uma identificação racial por meio dele. A descoberta do seu corpo negro e todas as possibilidades se inicia ao conhecer o seu cabelo, que de certa forma lhe retira do lugar de esquecimento e alienação sobre suas qualidades. Ele é de certa forma um mediador para a consciência racial.

Abaixo trago um quadro comparativo, com os números que estão por trás dessas *youtubers* negras:

	Idade	Local de “origem”	Ano de inscrição do canal no Youtube	Inscritos no canal/visualizações do canal	Número de vídeos publicados no Youtube	Vídeos com mais visualizações
CANAL NATHÁLIA BRAGA	21	São João de Meriti	13/12/2014 ¹⁰²	4.666 /223.665	167	“Tutorial: Transformando Legging em Turbante”: 64.000 visualizações
CANAL NEGRA ROSA	36 ¹⁰³	Duque de Caxias	30/08/2010	39.194 /4.471.258	411	“Cabelo Afro: Turbante” 2, 738.000 visualizações
DA CANAL TAYA	24	Nova Iguaçu	2/10/2015	12.700 /279.390	58	Colorismo e Pigmentocracia: EUA &BR, 19.000 visualizações

Tabela 2: Comparativo - Youtubers negras da Baixada Fluminense

No quadro acima, podemos observar que o canal da Negra Rosa é o mais antigo – foi criado em 2010 –, e desde o início os vídeos tratam sobre técnicas capilares e dicas de maquiagem; já Taya inicia sua trajetória no YouTube com vídeos que falam sobre autoestima, empoderamento e transição capilar; Nathália Braga

inicia seu canal no mesmo ano que Negra Rosa, porém seus vídeos iniciais eram sobre sua vida acadêmica no IFRJ.

Um fato que se destaca no quadro é o do número de visualizações ser maior do que o de inscritos nos canais, o que demonstra que os vídeos possuem uma visibilidade e alcance maiores do que os canais em si. Os vídeos se projetam com maior facilidade nas redes sociais. Acho que, por meio de outras redes, há também o compartilhamento de vídeos, fazendo com que mais pessoas tenham acesso ao conteúdo produzido por elas.

Toda essa proliferação de vídeos e criação de canais não se inicia diretamente no YouTube; é muito comum que se chegue aos canais por meio de outras redes sociais. O compartilhamento de suas postagens no Facebook ou Instagram é uma das formas pelas quais elas alcançam os seus seguidores.

Neste ponto, destaco como é importante essa interlocução entre periferias, pois entre as *youtubers* também há essa troca. Quando elas convidam ou citam outra *youtuber* em seu canal, é uma forma de unir esses universos dentro da plataforma. Na etnografia, foi possível perceber, na fala da Taya, que entre as suas inspirações de estilo havia uma *youtuber*; no vídeo da Nathália Braga, a mesma destaca a importância da maquiagem para mulheres negras feita por Negra Rosa. Apresento, abaixo, uma tabela com as participações de terceiros em cada canal no *YouTube*:

Tabela 3: Participação de terceiros nos canais do YouTube selecionados

Canal Nathália Braga	Canal Negra Rosa	Canal da TAYA
Luciene Nascimento (maquiadora, advogada e	Quell Alves (<i>youtuber</i> do canal Preta do Quilombo)	Luci Gonçalves (<i>youtuber</i>)
	Renata Moraes (Produtora cultural e Idealizadora	Jota Angelo (<i>youtuber</i> do canal O Último Black Power)
Luci Gonçalves (<i>youtuber</i>) dos Crespinhos) ⁹⁴		

¹⁰² Considero a criação a partir da data em que foi realizada a primeira postagem, e no caso de Nathália Braga seu canal foi criado no dia 18 de abril de 2010, porém, os vídeos sobre estética iniciaram no dia 13 de dezembro de 2014.

¹⁰³ Informação retirada do blog Negra Rosa. Disponível em: <<http://www.NegraRosa.com.br/sobrenegra-rosa>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

escritora)

⁹⁴ Crespinhos é uma agência de publicidade para crianças e adolescentes negros, visando a criação de uma rede de empoderamento preto infantil.

Maria Chantal (estilista e <i>youtuber</i> do canal Oi Rainha)	Ana Paula Xongani (<i>youtuber</i>)	Luiza Junquerida (<i>youtuber</i> do canal Tá querida)
Cíntia Aleixo (Psicóloga clínica, coach, especializada em maternidade)	Patrícia Avelino (<i>youtuber</i>)	
Fabíola Oliveira (diretora executiva do Odarah)	Afrôbox (clube de assinaturas com produtos para beleza negra)	
Psicopretas ⁹⁵⁹⁶	Fabíola Oliveira (diretora executiva do Odarah)	
Érica Malunguinho (curadora do Aparelha Luzia ¹⁰⁶)	Era uma vez o mundo (linha de brinquedos/bonecos pretos representativos para crianças negras)	
Cleyton Santana (<i>youtuber</i>)	Marília Gabriella (Salão Affro Divas ⁹⁷)	
Bernardo (namorado)	Jota Angelo (<i>youtuber</i> do canal O Último Black Power)	

Família quilombo
(*youtubers* que fazem parte de uma família preta)

⁹⁵ É um projeto idealizado e realizado pelas Coordenadoras de Saúde da AMAR (Associação de Mulheres de Ação e Reação) e que tem por finalidade acolher mulheres negras desgastadas e enérgica, psicológica e fisicamente violentadas e desassistidas pelo sistema.

⁹⁶ Espaço de resistência e cultura negra, um quilombo urbano em São Paulo

⁹⁷ Salão especializado em terapia capilar e cuidados com cabelos crespos e cacheados, localizado em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense.

Eliane Serafim
(idealizadora do Encrespa
Geral¹⁰⁸)

Bruna de Paula
(*influencer* digital que
possui perfil no Instagram e
Facebook)

Fonte: YouTube

A interlocução existente entre os canais faz com que haja a conexão de espaços, produzindo discursos superpostos, reiterados e assim reforçados. Acredito que a presença de seus corpos no YouTube facilite a discussão e reflexão sobre quem são elas e o que estão fazendo nesses espaços, porém, talvez não necessariamente esse seja o objetivo delas. Leio a presença de mulheres negras como um possível fator político, já que, na grande mídia, não convivemos diariamente com a presença de mulheres negras falando *para* e *com* seus pares. Seus vídeos são produtos sociais forjados dentro de um meio de sociabilidade que possui a capacidade de modificar a concepção de ser que o indivíduo possui de si mesmo.

Sendo assim, as práticas sociais são operadas sobre o corpo das mulheres negras, durante suas trajetórias enquanto *youtubers*, e tais práticas corroboram para a construção de um discurso identitário.

É inevitável desconsiderar a relação de consumo na base da construção desse discurso identitário, pois são mulheres de diferentes faixas etárias e periferias que estão fomentando, com a sua presença na internet e fora dela, um debate sobre as relações raciais.

As *youtubers* negras criam um espaço para uma (re)configuração dos corpos por meio da disseminação de imagens e discursos na rede. Isso ocorre por meio desses discursos que constroem identidades, e que se relacionam com uma

¹⁰⁸ Evento que envolve palestras e exposição sobre a estética negra e conta com a participação de diversos afro-empresendedores. onda mercadológica de "incentivo" aos produtos e serviços disponíveis para o público negro.

Os serviços e produtos apresentados nos canais, seja por meio de tutorial ou entrevista, são um meio de atender à demanda de um público específico, e também

de criar uma identidade de consumo que perpassa as categorias de raça e gênero. As participações de *youtubers* em diferentes canais ressignificam a relação de consumo com a categoria raça, por meio da ideia de uma identidade de produto, serviço ou discurso.

A preocupação em registrar os encontros entre profissionais é um meio de influenciadoras digitais negras enxergarem e se comunicarem com o seu próprio corpo. Tanto o consumo do discurso das *youtubers* negras quanto o consumo de serviços e produtos estéticos (cremes e maquiagens) constituem um meio de ressignificar a identificação racial.

Por fim, *youtubers* negras e periféricas criam possibilidades de representação entre si, por meio das intersecções que lhe rodeiam: raciais, classistas, etárias, sexuais e regionais; e dessa forma elas criam uma nova possibilidade de agir do sujeito.

CONCLUSÃO

Enxergo a estética como uma estratégia de construção, no YouTube, de um possível espaço de “resistência”, um local de autodefinição *para* e *sobre* mulheres negras. O YouTube transforma-se, para as diversas influenciadoras digitais negras, em um estilo de vida, ou seja, um modo de sobrevivência para tais mulheres. Mesmo sendo um espaço compartilhado por mulheres e homens não negros, as mulheres negras podem encontrar, entre seus pares, um local para um possível fortalecimento e reconhecimento, e, assim, promover um espaço de “empoderamento” feminino.

Youtubers negras estão construindo representações de si mesmas por meio de um discurso que produz compreensão identitária sobre o cabelo e a pele, que são os símbolos que atuam diretamente em suas performances estéticas. Suas experiências femininas e negras com o corpo estabelecem conexões e noções de pertencimento a um grupo. Acredito que os vídeos são uma forma de expressar identidades vividas e pensadas como alternativas de significação da experiência social.

Com a produção de vídeos, destaco que há uma reconfiguração das realidades/trajetórias de outras mulheres negras, pois as mesmas estão auxiliando na construção de uma proposta de identidade. Há uma espécie de ativismo nas narrativas observadas no YouTube, e mulheres negras estão utilizando seus corpos e aliando-os à tecnologia na produção de subjetividades. Nesse fluxo virtual, *youtubers* negras estão apresentando ações e comportamentos que oportunizam uma construção identitária da ideia de raça/gênero na mídia digital.

Enxergo um crescimento vertiginoso no processo de enegrecimento de canais no YouTube. Sendo assim, é necessário analisar as pluralidades narrativas construídas nesse espaço. Destaco a existência de um protagonismo periférico, perceptível por meio do volume de vídeos elaborados por mulheres negras, que estão se apropriando de estratégias sociais para expor suas experiências através dos vídeos. O YouTube impulsiona novos modos de relacionar-se com o outro, e possibilita que, em especial, os jovens negros(as) de classes populares expressem suas formas de compreender o seu lugar no mundo.

Segundo Collins (1990), “os atos individuais de resistência sugerem que existe uma consciência coletiva”; logo, acredito que os canais produzidos por *youtubers* negras são uma forma de elaboração de identidade que visa “empoderar” mulheres sobre o que elas são ou pretendem ser. Os vídeos são, de alguma forma, um meio de “transcender o confinamento das opressões de raça, classe, gênero e

sexualidade” (COLLINS, 1990) que perpassam a vida de uma mulher negra. Sendo assim, elas estão autodenominando seus corpos e suas imagens, como uma necessidade de elaborar de forma positiva os símbolos que constituem sua figura social no mundo.

Por meio do acompanhamento dos canais, acredito que haja a possibilidade de lê-los também como um espaço de resistência, por meio da padronização de um possível modelo de mulheres negras.⁹⁸ De certa forma, há um “desencaixe” no YouTube, pois há um deslocamento das relações sociais para dentro e fora dos seus contextos originais, e assim o discurso é realocado dentro de um novo tempo-espaço.

A minha tentativa é decodificar quais as estratégias de performances online, ou seja, como características físicas, experiências e subjetividades podem gerar uma rede de conexões entre mulheres negras periféricas nesses espaços. Acredito que essa exposição pode ser considerada uma forma de ativismo social, pois o corpo negro performado na internet influencia as interações sociais.

O enegrecimento do YouTube é um exercício para pensar como mulheres negras estão articulando, na posição de *youtubers*, um novo painel sobre as relações raciais e de gênero na sua performance, que oportuniza ler as interfaces das subjetividades envolvidas no processo de identidade. Há um leque de *youtubers* negras com os mais diversos conteúdos na rede. Através da minha observação, constatei que há um número superior de canais que articulam a temática da beleza e da estética. Por isso, é necessário pensar quais seriam os contextos que originam tais *youtubers*, e quais seriam seus pontos de partida nessa trajetória virtual.

Por fim, creio que esse processo de reinvenção fomenta um entrelaçamento de subjetividades negras, preenchendo uma lacuna de representatividade sobre discursos de si e sobre o outro, os quais se redefinem dentro do espaço digital. *Youtubers* negras são atores que incitam novas formas de operar sua identidade.

⁹⁸ É necessário atentar para a possibilidade de uma automação de discursos, exposta nos canais, pois existe uma replicação de temáticas como produtos capilares, cabelo natural, transição capilar, “empoderamento”, “feminismo negro”. Dessa forma, pode ocorrer a generalização da mulher negra, excluindo-a de outras possibilidades de agir como indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Beatriz Pozzobon. Redes Sociais na Internet e novas formas de sociabilidade: um estudo do Facebook. **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**- Chapecó-SC 31/05 a 02/06/2012.

BARROS, Rebeca Thalia Bastos; BRITO, Gabriela Leal; SEABRA, Luciane Mota. Quebrando os grilhões: Sou Negra, Sou Mulher, NÃO sou objeto. Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizado entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa-PB; GT-Etnografias das Interseccionalidades: Raça e Gênero no Contexto Latino-americano das Políticas Públicas.

BARROS, Zelinda dos Santos Barros. Intersecção de Gênero e Raça Num Território Privativo do Ciberespaço. Trabalho apresentado na 30ª RBA. João Pessoa-PB, Agosto, 2016.

BYRD, Ayana D. Hair Story. **Untangling The Roots Of Black Hair In America**. St. Martin's Griffin, EUA, 2001.

BOTEZINI, Natana Alvina. Cabelos em Transição: um estudo acerca da influência dos cabelos afro como sinal diacrítico e reconhecimento étnico. 38º Encontro Anual da ANPOCS.

BURGESS, Jean. **YouTube e a Revolução Digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade; tradução Renato Aguiar- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 17-24.

BRAGA, Adriana. Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. **Desigualdades & Diversidade- Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio**, nº 9, ago/dez, 2011, pp. 95-104.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. **Além da Pele**: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo. Dissertação de mestrado, março, 2006.

CARDOSO, Cláudia Pons. Por uma Epistemologia Feminista Negra Do Sul: Experiências de Mulheres Negras e o Feminismo Negro no Brasil. In: 13º Mundo de Mulheres & Fazendo Gênero 11. 2017, Florianópolis-SC. Anais do XI Seminário Internacional Fazendo Gênero: 13th. Women 's Worlds. Congress / Organização : Jair Zandoná, Ana Maria Veiga e Cláudia Nichnig. – Florianópolis : UFSC, 2018.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América latina a partir de uma perspectiva de gênero. In Ashoka Empreendimentos Sociais & Takano Cidadania (Orgs.), **Racismos contemporâneos** (pp. 49-58). Rio de Janeiro: Takano Editora.

Collins, Patricia Hill. (1990), "Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento". Trad. Natália Luchini. Seminário "Teoria Feminista", Cebrap, 2013.

CORREIA, Ana Paula Santana. **Mulheres da Periferia em Movimento**: um estudo sobre outras trajetórias do Feminismo. Guarulhos, 2015. 204 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências, 2015

COSTA, Rosely Gomes. Mestiçagem, racialização e gênero. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº21, jan./jun.2009, p.94-120.

DIAS FILHO, Antonio Jonas. Ebonização Estética e Cosmética. Autoestima, Mídia, Mercado Consumidor e a opção *fashion* do resgate da Cidadania em Magazines para Afro-brasileiros (1990-1999). Disponível em <<http://www.desafio.ufba.br/gt6006.html>> Acesso em 13 de outubro de 2017.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente**: Identidade em construção. São Paulo, EDUC; Rio de Janeiro; Pallas, 2009.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1985, pp.25-75.

GOLDENBERG, Mirian. **Nu & Vestido**. 2ªed, Rio de Janeiro, Ed. Record, 2007.

GOMES, Nilma Lino. **Sem Perder a Raiz**: Corpo e cabelo como identidade negra. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2006.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Práticas Ciberativistas, Agência Social e Ciberacontecimentos. In: **Vivência** - Revista de Antropologia. 2015. Volume: 45. Pp.: 13-22.

HARAWAY, Donna. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo. Companhia das Letras., 26ª ed. 1995.

HOOKS. **Não sou eu uma mulher**. Mulheres Negras e feminismo. 1ª edição, 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro 2014.

HOOKS, bell. Alisando o nosso cabelo. **Revista Gazeta de Cuba**- Unión de Escritores y Artistas de Cuba, janeiro- fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-onosso-cabelo.html

HOOKS, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília, janeiro-abril de 2015, pp.193-210.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. Petrópolis-RJ, Ed. Vozes, 2011.

Lévi-Strauss, Claude. **O Pensamento selvagem**. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. **Beleza e ascensão social na imprensa negra paulistana - 1920-1940**. São José, Premier, 2011.

MACHADO, Renata; DUPRET, Leila. A Mídia e o Jovem na Baixada Fluminense. Trabalho apresentado a Divisão Temática de História do Jornalismo, do VII Encontro Nacional de História da Mídia Alternativa e Alternativas Midiáticas. Fortaleza-CE. 2009.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e Corporalidades nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. Dossiê Corpo e História, **Esboços**, p.87-99.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. In: As Técnicas do Corpo. Cosac & Naify, p.399-442.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. In: **Tempo Social**, revista de sociologia USP, v.19, n 1, p. 287-308.

OLIVEIRA, Neuza Maria Sant' Anna de. Intelectuais Negras da Periferia: Uma Ausculta Sensível Sobre Suas Histórias. In: _____ IV Colóquio Internacional, Educação, Cidadania e Exclusão, Rio de Janeiro: NETEDU (Núcleo de Etnografia em Educação), 2015.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. **Hermes no Ciberespaço**: uma interpretação da comunicação na era digital. João Pessoa/PB. Editora da UFPB, 2013.

PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo, Annablume, 2004.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça?**: um estudo sobre o cabelo como *performance* identitária. 2013

SANTOS, Sônia Beatriz. **Feminismo Negro Diaspórico**. Disponível em <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/157/100>>

SANTOS, Nádia Regina Braga dos. **Do Cabelo Black Power Ao Cabelo Crespo**: A Construção da identidade Negra Através do Cabelo. USP. Dezembro, 2015.

SEGATA, José. **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília, ABA Publicações: Joinville: Editora Letra D'água, 2016.

SILVA, Tainan Maria Guimarães Silva e. O Colorismo e Suas Bases Históricas e discriminatórias. Disponível em : www.revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/viewFile/4760/3121

TAFARELO, Cláudia Siqueira César. Análise Crítica Entre Etnografia E Etnografia: Métodos de Pesquisa Empírica. 9º Interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero.

VILAR, Julyana. "Esse corpo me pertence": construção corporal através das técnicas de body modifications. **VIVÊNCIA** 40, Revista de Antropologia, nº40, 2012, p. 151-167.

NASCIMENTO, Giovana Xavier da Conceição. Os perigos dos Negros Brancos: cultura mulata, classe e beleza eugênica no pós-emancipação (EUA, 1900-1920). In: **Revista Brasileira de História**, vol. 35, nº 69, p.155-176.

Vídeos do YouTube acessados

BRAGA, Nathália. **Eu, Preta: sobre beleza, nudez e autoestima**. 5 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gOwY5bPA0GE>>. Acesso em: 16 maio 2018.

_____. **Preta, eu sei – Bruna de Paula**. 27 jul. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_YRtk4HnJro&t=4s>. Acesso em: 5 maio 2018.

_____. **Primeira maquiagem da vida | Negra Rosa.** 17 maio 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hh53coEN86o>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

NEGRA ROSA. **Bate Papo Textura – com Quell Alves.** 20 ago. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H_GQ6mx1ojA> Acesso em: 4 fev. 2017.

_____. **Batom Negra Rosa.** 31 out. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=f573YoZuBEE&t=12s>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

NICÁCIO, Rayza. **Quando me reconheci negra.** 19 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zZGxGWUz0vY>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

TAYA. **Identificação Racial.** 28 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=066gGzMKCd8&t=19s>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

_____. **Minhas Referências e Estilo de Moda Atuais.** 30 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CrDOXNqb6hA>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

_____. **Tour pelo meu corpo – como superei distúrbios alimentares.** 25 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6cNf1eTS-Es>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

_____. **Transição Capilar com Luci Gonçalves | blogdaTaya.** 10 mar. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q6HH6C9rI_Q>. Acesso em: 30 out. 2017.

YOUTUBE. **Nossa missão é dar a todos uma voz e revelar o mundo.** Sem data. Disponível em: <<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

YOUTUBE. **Ajuda do YouTube.** Sem data. Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/72851?hl=pt-BR&visit_id=1636665890418632590-2795498226&rd=1>. Acesso em: 6 ago. 2018.

YOUTUBE. **YouTube Space.** Sem data. Disponível em: <www.youtube.com/intl/ptBR/yt/space/>. Acesso em: 6 ago. 2018.

Reportagens e textos online citados

DJOKIC, Aline. **Colorismo: o que é, como funciona.** 27 jan. 2015. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/2015/01/27/colorismo-o-que-e-como-funciona/>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

GELEDES. **O que é afropunk?** 2 maio 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-que-e-afropunk/>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

OLERJ. **Desigualdade na Baixada Fluminense.** Sem data. Disponível em: <<http://olerj.camara.leg.br/retratos-da-intervencao/desigualdade-na-baixadafluminense>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

O QUE É uma lace wig? Sem data. Disponível em:

<<http://www.tresscabelos.com.br/lace-wigs-nova-geracao-de-perucas-tendenciaentre-famosas/index.php>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

YOUTUBE SPACE chega ao Brasil para produzir vídeos. 28 out. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/10/youtube-space-chega-aobrasil-para-produzir-videos.html>>. Acesso em: 6 ago. 2018.